O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDAÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV | ASSINATURAS: SEM ESTAMPILHA: ano 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: ano 5$14?; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assinaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABADOS

Sabado 9 de outubro de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Anuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assina-se unicamente em Aveiro. As assinaturas são pagas adiantadas. Os manuscritos enviados á redação, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:530

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51 bis.

SUMARIO: —A MONARQUIA CONSTITUCIONAL.—COUSAS DE FAZENDA.—A POLITICA.—CONTESTAÇÃO.—REHABILITAÇÃO.—REPRESSÃO.—AVE, REGINA!—CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PUBLICA.—CONSERVAS DE SARDINHA.—NOTICIAS LOCAES.—NOTICIAS DIVERSAS.—NOVAS DE LONGE.—O ASSASSINO DO BISPO DE MADRID.—CORREIO DO SUL.—SCIENCIAS.—ARABESCOS E MINIATURAS.—PARTE OFICIAL.—TELEGRAFIA.—CARTA DE LISBOA.

Aveiro

A MONARQUIA CONSTITUCIONAL

A Hespanha poz de parte a tradição de sangue, para indultar os rebeldes de 19 de setembro. O tribunal militar aplicou a pena de morte. No conselho de ministros houve porém divergencias d'opinião. O partido militar queria os fusilamentos. O sr. Sagasta, avaliando o estado do espirito publico pelas manifestações populares, e ainda por outros sintomas, de não menor importancia, estava disposto á benevolencia. Assim quando a rainha regente expoz sem reservas o seu desejo de que se evitasse o derramamento de sangue, o presidente do conselho convocou a nova [illegible] os seus colegas do ministerio, e apoz longo e acalorado debate, a clemencia prevaleceu por maioria e D. Maria Cristina poude cumprir a sua missão generosa, dando á Hespanha o primeiro exemplo de tolerancia com os vencidos.

Este procedimento da regente cobriu de benções o seu nome, e radicou a monarquia no visinho reino. Fez-se ver á Europa e ao mundo, que o trono não carecia de sangue para se manter como instituição; e embora os sediciosos faltassem ás obrigações contraidas com a patria, a realeza é que não sabia faltar aos deveres de humanidade que foram sempre distintivo dos grandes principes.

Deu pois a Hespanha um passo decisivo na larga senda da civilisação hodierna, afastando-se das velhas praxes, que traziam á memoria os horrores da idade média. Fez bem. Honrou-se, honrando a liberdade. Compara-se a monarquia perdoando aos culpados, com as scenas de sangue e pilhagem de Alcoy e Cartagena, e a realeza sóbe no conceito publico, reconhecendo-se que é a unica fórma de governo que convem áquela fidalga nação.

Parabens á Hespanha, e á gentil princeza, que preside aos seus destinos, a felicitação sincera de um coração verdadeiramente liberal.

COUSAS DE FAZENDA

Pareceu a muitos, que a cobrança domiciliaria em Lisboa daria ótimos resultados para o contribuinte. A nós afigurou-se-nos sempre uma medida inexequivel, sem vantagens praticas, e por tanto sem consequencias apreciaveis. Agora os que exaltavam o expediente, dizem que o sistema de cobrança é defeituoso, que cumpre modifical-o, e que se uma parte dos contribuintes não está em casa, quando é procurada pelos cobradores, devem estes voltar até que encontrem os interessados, embora a ausencia provenha de mudansa de residencia, ou de saida para fóra da terra, ou ainda d'outras causas que seria *longo enumerar*.

Todos esses inconvenientes apresentámos nós por ocasião da promulgação do decreto, que prescrevia a cobrança domiciliaria. Dissemos então que só não pagava quem não queria pagar, e que era escusado estabelecer praxes novas, porque os resultados seriam sempre os mesmos.

Ora o que não póde, nem deve exigir-se, é que os cobradores andem em corropio por casa dos contribuintes. Já que se determinou a visita domiciliaria, o que foi uma inconveniencia, porque foi uma inovação sem razão de ser, ordenasse-se ao menos que na ausencia do contribuinte o encarregado da diligencia deixasse ficar o aviso, contendo as datas do pagamento do respétivo imposto, e onde o interessado fosse advertido da multa que teria de satisfazer, quando não cumprisse a tempo essa obrigação. O aviso devia ser entregue á familia, ou, na ausencia total dos moradores da casa, introduzido por baixo da porta, visto que em Lisboa são rarissimos os predios que teem porteiro.

Mas querer, como o *Jornal da Noite*, que o exátor tratasse de indagar as causas da ausencia do contribuinte, para que ele podesse satisfazer dentro do praso a respétiva coléta, parece-nos excesso de zelo e além d'isso exigir demasiado de funcionarios, a quem o estado paga mal os seus serviços, e a quem nem sequer concedeu o direito de aposentação logo que conte quarenta e cinco anos de edade. A estes párias do orçamento tiraram-lhes os meios de subsistencia, negaram-lhes o que concedem a outros que teem menos trabalho e responsabilidade, e afinal até lhes querem impôr a obrigação, de andarem agarrados ás abas do casaco do contribuinte, sempre que ele quizer abandonar o seu domicilio, ou fingir que são em viligiatura para espaçar o pagamento dos impostos, e poder alegar depois que não o procuraram, e por tanto que não devia pagar a mais os juros da móra!

Ponham mais albardas n'aquela classe de empregados, transformem-os em dentistas de feira, obrigando-os a apresentar-se ao povo entre dois rufos de tambor e n'um carro puxado por besta lazarenta. E depois digam que ainda não foram compreendidos os seus desejos, que era ainda pouco, alvitrando novos processos, tão engenhosos mas tão inexequiveis como o primeiro.

Vão pois aparecendo os inconvenientes que apontamos quando se decretou a cobrança domiciliaria. Os fátos vem justificando as nossas previsões. E a final hão de desenganar-se, de que as reformas que não forem aconselhadas pela experiencia, encontram na pratica dificuldades insuperaveis.

A POLITICA

Com esta epigrafe lê-se no *Correio da Manhã*:

«Parece que o governo trabalha ardentemente para segurar as candidaturas no distrito de Faro. Acaba de praticar o seguinte escandalo provavelmente com fins eleitoraes. Agarrou n'um aspirante chamado Vilhena, que, se nos não enganamos, fôra demitido por não tomar posse do logar para que fôra nomeado, e manda-o dirigir a alfandega de Faro, passando a adido o oficial que lá estava dirigindo!»

Ahi está o que é ignorar a historia e escrever sobre o joelho. O *Correio da Manhã* supoz que estava falando aos peixinhos, e não curou de indagar o que havia sobre o caso.

Pois saiba que a demissão do aspirante Vilhena, foi um dos átos mais protervos da situação transáta, e que a politica interveio na questão obrigando o sr. Hintze a praticar aquela ruindade, que estabeleceu detestavel precedente na administração publica.

O sr. Vilhena foi em 1867 nomeado aspirante da alfandega de Faro. Anos depois fez concurso para a alfandega de Lisboa, sendo provido em virtude das provas que deu. Continuou porém a fazer serviço em Faro. Era doente e o clima do Algarve era-lhe necessario á existencia, o que não obstou a que por vezes estivesse na casa fiscal de Lisboa no desempenho das suas obrigações oficiaes. Em 1885 porém, o sr. Hintze instado pela politica reles de Faro, ordenou que aquele empregado fosse em serviço para a capital. O sr. Vilhena apresentou atestado de doente, provando, que não podia comparecer dentro do praso que lhe tinham marcado. Pela direção geral das alfandegas ordenou-se uma inspeção. Os facultativos escolhidos pelo governador civil corroboraram o que tinha atestado o seu colega. O paciente solicitou licensa de alguns dias, a fim de seguir, depois de restabelecido, para a capital. E vae o sr. Hintze demitiu-o!...

Ahi fica a historia negra da demissão de um funcionario, que contava 18 anos de serviço e que já tinha concurso para o logar de 3.º oficial. Ahi está como os regeneradores faziam politica [illegible] boa terra do Algarve. Ahi fica estereotipada a feição dos que exigiam a cabeça dos supostos adversarios, como holocausto á sua intemperança partidaria!

E espanta-se o *Correio da Manhã*, que o governo progressista restitua ao seu antigo logar um empregado geralmente bemquisto na terra em que reside ha 19 anos! Pois o que nos surprehenderá é, que não repare o agravo, não só restituindo-o ao quadro, mas até promovendo-o ao logar para que se acha habilitado com concurso.

CONTESTAÇÃO

Ao nosso ilustre colega de Vizeu, o *Viriato*, para que não seja tão facil em reproduzir difamações, devemos dizer:

Que foi a Relação do Porto, por acordão de 21 de maio de 1886, transitado em julgado, e publicado na *Revista dos Tribunaes*, n.º 97, pag. 15, que mandou eliminar do recenseamento eleitoral do concelho de Estarreja o sr. dr. João Carlos de Assis Pereira de Melo, visto ser vogal do conselho de distrito e ter portanto, pelo art. 34 da Lei de 21 de maio de 1884, domicilio forçado na capital do distrito, onde efétivamente está recenseado;

Que hoje, pelo art. 215 § unico do novo Codigo Administrativo, não é aos conselheiros de distrito, mas sim aos procuradores á junta geral que compete servir interinamente de governador civil;

E que o ligeiro incomodo que ha dias teve o sr. Manuel Firmino o não inhibiu das funções de governador civil que está exercendo.

REHABILITAÇÃO

Continua a oposição em maré de infelicidades. Não faz uma só acusação ao governo ou aos seus delegados de confiança, que não seja logo destruida pelos meios competentes, e por autoridades insuspeitissimas.

Lembram-se todos da espantosa berraria que ahi fizeram contra o sr. dr. Vieira da Rocha, administrador do concelho de Cadaval, acusando-o de ter disparado um tiro contra um alienado retido na prisão d'aquela vila. E chegaram efétivamente a instaurar-lhe processo crime por causa d'isso.

Pois o meritissimo juiz de direito da comarca de Alemquer não achou no processo motivo para a pronuncia, e portanto ficou aquele digno magistrado completamente ilibado d'aquela caluniosa acusação.

REPRESSÃO

O governo, procedendo energicamente, como lhe cumpria, mandou levantar auto contra a comissão de recenseamento eleitoral de Santa Comba Dão, que, tendo falsificado completamente o recenseamento, se negou a emendal-o, desobedecendo ao decreto que lh'o ordena. O auto será depois remetido ao poder judicial, que não póde deixar de condenar aquela corporação por desobediencia ás leis do reino, a fóra ainda a responsabilidade criminal pelas falsificações que haja cometido.

O governo está autorisado, por expressa disposição de lei, a fazer o que fez. Se usou bem ou mal d'essa faculdade, nem sequer ao poder judicial compete agora decidil-o, quanto mais á comissão recenseadora.

Esta comissão deixou-se portanto escorregar por uma ladeira, que, sem proveito nenhum para a ruim causa que defende, pois que está anulado o recenseamento atual, e por ele se não podem já fazer as eleições, vae dar ao banco dos réus.

AVE, REGINA!

São do distinto periodico de Lisboa o *Imparcial*, os seguintes periodos, admiravelmente escritos, consagrados á clemencia heroica da regente de Hespanha:

A'manhã, quando um novo *pronunciamento*, mais infeliz por ter conseguido vencer, e quando a Senhora D. Maria Cristina for, no exilio, a professora dos seus filhos, se alguma vez a princeza das Asturias lhe perguntar porque lhe não mostram o seu principado, ou quando Afonso XIII, lhe perguntar onde se exerce a magestade com que os serviçaes a condecoram, a rainha ha de mortrar-lhe no mapa geografico a Hespanha e na Hespanha as Asturias.

Se lhe perguntarem por que motivo vivem longe d'aqueles jardins alegres em que brincaram, meninos, a enlutada senhora mostra-lhes uns papeis, dos quaes ha de constar:—que os homens de juizo, de patriotismo, de saber, e de caráter indomavel, aconselhavam a manutenção da justiça rigorosa contra os autores e cumplices do pronunciamento republicano de setembro de 1886, condenados á morte e já na capela que precede o logar do suplicio; mais constará d'esses papeis que a rainha se obstinou em ser clemente, oferecendo a Deus a sua misericordia pela a alma do malogrado e saudosissimo espozo e pela ventura dos seus orfãos; mais constará que a sua imprudentissima piedade, amolecendo a força da monarquia, apressou a sua queda; pois na jurisprudencia politica hodierna a razão é sempre dos vencedores. Lidos estes autos os filhos a abraçarão, chorando e dizendo-lhe:

—Senhora! teu marido chamava-te *christa* por que tu és bem a irmã de Jesus, que se chamou Cristo.

E o menino rei lhe dirá:

—Eu comprehendo, Senhora! perdoavas por ti, que és boa, e por mim tambem que era inocente, e tu regias o reino em meu nome.

Bemdita, sejas, rainha!

—Chamae-me vossa mãe; este é o meu titulo de amor, ou chamae-me viuva; este é o meu titulo de nobreza.

—Mandavas, correndo, um teu servidor leal noticiar o indulto!

Oh! santa solicitude da bondade!

—Filhos, poupar instantes de horror, é mais que poupar a vida a quem a traz despresada.

E tinham filhos tambem, os condenados!

— Perdoar sempre é pois augusto e santo.

— A uma cousa só me não foi possivel perdoar: —á morte que vos orfanou.

Senhora rainha, se o povo hespanhol, em vez de vos beijar a mão piedosa, vos tomasse a bondade á conta de fraqueza seria indigno de vós e dos vossos filhos.

—A honra, a dignidade, a justiça,—eis a trindade santa cujo advento se profetisa.

Antes o exilio sem remorsos do que o trono rodeado de espétros.

Deus vos salve, Senhora.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PUBLICA

Sessão de 7 de outubro de 1886

Presidencia do sr. conselheiro Jaime Constantino de Freitas Moniz.

Abriu a sessão á 1 hora e meia.

O secretario leu a ata, que foi aprovada.

O sr. dr. Ricardo Jorge leu como relator da comissão medica dois pareceres sobre o ensino da medicina em Portugal.

O sr. Costa e Almeida, relator da comissão dos negocios de instrução secundaria, leu dois pareceres sobre a exigencia da lingua alemã para as faculdades de ciencias naturaes.

O sr. Souza Lobo, por parte da comissão da academia de belas artes e conservatorio, leu dois pareceres, um dos quaes pede para que seja obrigatorio o curso de desenho aos professores dos liceus.

O sr. dr. João Arroio leu tambem um parecer sobre o ensino das ciencias naturaes.

O sr. Rafael Basto leu um parecer sobre a aula de diplomatica, em que pede que se lembre ao governo, que tome em consideração as propostas votadas o ano passado no conselho.

O sr. secretario leu os pareceres sobre a escola politecnica, cujas propostas haviam sido apresentadas pelo sr. Augusto José da Cunha. Posto á votação este projéto foi aprovado.

Foi lido outro parecer, no qual se propõe que seja desdobrada em duas a cadeira de fisica e a de quimica da escola politecnica, ficando o conselho escolar encarregado de distribuir as materias; foi aprovado.

O sr. Santos Viegas pediu a palavra, dizendo que aprovava o parecer, mas que queria que lhe fosse dada uma redação diversa.

O sr. Arroio, como relator, respondeu ao sr. Viegas, defendendo a redação da proposta tal qual está, e que assim fôra redigida pelo sr. Cunha, de acordo com o conselho escolar da escola politécnica.

Ainda respondeu o sr. Viegas. Posto á votação o parecer inicial foi aprovado.

Foram discutidos e aprovados ainda outros pareceres.

CONSERVA DE SARDINHAS

No *Diario do Governo*, de hontem, lê-se o seguinte oficio do nosso consul em Paris sobre a industria de conserva das sardinhas:

«Il.mo e ex.mo sr.—Tenho a honra de levar ao superior conhecimento de v. ex.ª, para os fins que julgar convenientes, e em execução do que me foi ordenado pela circular d'esse ministerio, n.º 17, de 21 de julho ultimo, as informações que pude colher com relação á industria da conserva da sardinha no distrito consular a meu cargo.

1.º Esta industria, que constituia outr'ora uma das principaes fontes de riqueza da Bretanha, tem depreciado imenso nos ultimos cinco anos, em consequencia de ter diminuido consideravelmente a afluencia de peixe nas costas da França.

2.º As fabricas d'esta industria téem diminuido muito no mesmo periodo.

3.º Os capitaes não faltam; as procuras do genero abundam; mas a industria continúa em decadencia, unicamente pela falta de peixe.

4.º A quarta de lata contém 8 a 12 sardinhas, e vende-se de 40 a 50 centimos; a meia lata contém 16 a 20 sardinhas, e vende-se de 60 a 65 centimos.

5.º e 6.º Algumas fabricas empregam o oleo de amendoim (arachide), mas unicamente para frigir as sardinhas; para as meter de conserva, nas latas, emprega-se exclusivamente o azeite de oliveira, de melhor ou peior qualidade, conforme tambem a qualidade do peixe. Do oleo de semente de algodão ninguem se serve para esta industria. O azeite empregado é geralmente de Nice ou de Marselha; mas o emprego do oleo de amendoim (arachide) não é uma falsificação, pois é considerado tão bom como o azeite de oliveira, para frigir o peixe.

7.º A produção anual das costas da Bretanha podia avaliar-se em 2.000:000 de caixas de 100 latas cada uma; mas nos ultimos cinco anos tem ela diminuido de 10 por cento aproximadamente, e esta diminuição tende a agravar-se. Assim, pois, em lugar de existirem depositos (stocks) de genero fabricado, imensas encomendas deixam de ser satisfeitas por falta de genero.

8.º A procura, não só excede a produção, mas até aumenta de dia para dia, e consideravelmente. D'aqui resulta necessariamente que o nosso paiz, querendo, póde tirar da industria da conserva da sardinha uma nova fonte de riqueza; mas para que a nossa sardinha podesse bem substituir no mercado a da Bretanha, seria necessario preparar o nosso azeite como os de Nice e Marselha, a fim de não dar ao peixe um sabor desagradavel.

Consta-me que algumas fabricas da Bretanha, que tiveram de fechar por falta de genero, tencionam [illegible] estabelecer-se em Portugal.

Inclusas, por cópia, encontrará v. ex.ª as respostas que á sobredita circular, por mim traduzida em francez, me déram os meus vice-consules em Brest, Nantes e Lorient.

Deus guarde a v. ex.ª Paris, 18 de setembro de 1886.—Il.mo e ex.mo sr. Henrique de Barros Gomes, ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros. *Visconde de Fa[illegible]*, consul geral.»

Noticias Locaes

Apontamentos da [illegible]ra.—Acha-se melhor dos seus in[illegible] nosso diléto colega, Marques [illegible]

— Está em Anadia a ex.ma sr.ª D. Maria Emilia Seabra de Castro, espoza do sr. prezidente do conselho de ministros, e uma das damas mais distintas da alta sociedade portugueza, com sua gentilissima filha, a ex.ma sr.ª D. Julia de Castro. Suas ex.as tem sido muito cumprimentadas.

— Deve passar ámanhã de madrugada para o Porto o sr. visconde de S. Januario, ilustre ministro da guerra.

— Está desde quinta-feira com uma gastrite, o que devéras sentimos, a ex.ma sr.ª D. Carolina Vilaça Fernandes Pereira, virtuoza espoza do nosso prestante amigo e correligionario, sr. Elias Fernandes Pereira. Fazemos votos pelas melhoras rapidas de s. ex.ª.

— O nosso amigo, sr. Silverio de Magalhães, faz anos na segunda-feira, 11 do corrente. Um sincerissimo abraço.

— Saiu, em viagem de recreio, o sr. Bento da França, ilustrado tenente de cavalaria 10.

— Chegou de Valença, e partiu para a Costa Nova do Prado, o sr. Viriato Ferreira Pinto Basto.

— Esteve ontem em Aveiro o sr. dr. Joaquim Pereira de Magalhães, digno juiz de direito da comarca de Soure.

— Regressou da Figueira o sr. dr. Manuel Joaquim Massa, digno secretario geral d'este distrito.

— Está no Porto, fazendo parte dos juris de exames de instrução secundaria, o nosso ilustrado amigo, o sr. Elias Fernandes Pereira, distinto professor do nosso liceu, e secretario da comissão executiva da junta geral.

— Está a banhos na praia de S. Jacinto, em gozo de licença, o nosso prezado colega do *Parlamento*, o sr. Fernando de Vilhena, muito digno fiel da direção telegrafo-postal d'este distrito, com sua ex.ma familia.

— Esteve ontem em Aveiro o nosso distinto amigo, o sr. dr. Joaquim Pereira da Silva Amorim, dignissimo administrador do concelho de Sever do Vouga.

— Acha-se n'esta cidade o distinto academico sr. Joaquim Alfredo Mourão, que em companhia de sua ex.ma esposa veio visitar sua mãe e irmãos.

— Partiu hontem para Arcos d'Anadia a familia do nosso amigo sr. Manuel Antonio Loureiro de Mesquita.

Consorcio auspicioso.—Deve realisar-se hoje em Anadia o consorcio do nosso distinto patricio e ilustrado amigo, o sr. Egberto de Magalhães Mesquita, inteligente silvicultor, com a ex.ma sr.ª D. Maria Luiza Pereira da Silva, gentilissima filha do sr. Silverio Augusto Pereira da Silva, inspétor regional dos Açores, e uma das primeiras damas da nossa sociedade elegante.

E' um enlace auspiciosissimo, porque, se Deus faz as almas aos pares, como afirma o nosso maviosissimo poeta João de Deus, este é um d'eles.

Sentimos não poder tapetar de lirios e rosas o caminho que vão trilhar tão simpaticos noivos, mas fazemos sinceros votos para que o destino lh'o tapete de venturas e alegrias.

Juramento.—Prestou hontem juramento para tomar posse do logar de escrivão de fazenda do concelho de Macieira de Cambra, o sr. Joaquim Pereira Rebelo, digno administrador do concelho de Taboaço, onde vai continuar em comissão.

Falecimento.—Faleceu na praia de Matosinhos o sr. dr. João Maria d'Almeida Moura, professor do liceu nacional d'esta cidade. Uma doença pertinaz lhe minava ha mezes a existencia viril, vitimando-o finalmente. O seu cadaver chegou a esta cidade na quinta-feira á noite. Sentindo o sucesso, acompanhámos os seus no justo sentimento que os punge.

Conferencias pedagogicas.—Encerraram-se as conferencias pedagogicas d'este circulo escolar. Logo que tenhamos vagar daremos conta circumstanciada dos seus trabalhos, distintamente presididos pelo digno sub-inspétor e nosso ilustrado amigo, o sr. padre Antonio Joaquim Vidal.

Viação distrital.—Deferindo á representação da comissão executiva da junta geral d'este distrito, o governo, por portaria de 7 do corrente, mandou abrir inquerito para alterar a classificação da estrada distrital n.º 36-A da Giesta ao Boco, de modo que o terminus seja em Vagos, tendo por novos pontos obrigados Boco e Sóza.

Subsidio.—Acaba de ser concedido á junta de paroquia de Angeja o importante subsidio de 2:000$000 reis, graças aos esforços do nosso solicito representante em côrtes, o sr. dr. Castro Matoso.

Boletim de sanidade pecuaria em agosto.—N'este distrito continuou a grassar o carbunculo bateridiario, vitimando seis animaes bovinos no concelho d'Ilhavo, e dois no de Estarreja. Tambem n'aquele concelho sucumbiram sete suideos de zoonose que não poude ser diagnosticada por falta de observação diréta nos animaes afétados. O digno intendente de pecuaria recomendou as medidas profilaticas tendentes á impedir a propagação e desenvolvimento da epizootia ali reinante, sobretudo aquelas que se referem ao enterramento dos cadaveres, que considera como causa eficiente do contagio, aconselhando tambem as vacinações preventivas, como um dos meios mais eficazes de se precaverem contra os ataques, quasi sempre fataes, das doenças carbunculosas.

Quotas de cobrança.—A folha oficial de hontem publica a tabela reguladora das quotas de cobrança que no ano economico de 1886 a 1887 hão-de competir, a contar do principio d'este mez, aos escrivães de fazenda dos bairros e concelhos do reino. A parte d'essa tabela que respeita ao distrito de Aveiro é a seguinte:

Agueda—7,97 por 1:000; Albergaria—12,18; Anadia—9,77; Arouca—9,78; Aveiro—8,79; Castelo de Paiva—16,53; Estarreja—6,58; Feira 4,89; Ilhavo—12,27; Macieira de Cambra—17,61; Mealhada—12,26; Oliveira de Azemeis—8,26; Oliveira do Bairro—15,65; Ovar—8,25; Sever do Vouga—25,14; Vagos—15,60.

Crime?—Na segunda-feira ia no comboio expresso do Porto para Santa Comba-Dão o subdito francez, Eugéne Vargas, de 50 anos de idade, ferreiro, que trabalhava no caminho de ferro de Mirandela. Ao chegar á noite á estação da Pampilbosa, saiu, e no outro dia apareceu morto n'uma sentina. Foram-lhe encontrados nas algibeiras dois colares de oiro, para senhora, um cordão, doze libras, e mais dinheiro estrangeiro, que as autoridades guardaram, depois do devido exame.

Prisão.—Foi preso em Lisboa um soldado desertor de cavalaria 10.

Desastres.—Em Coimbra um soldado do destacamento de cavalaria 10 levou um coice do cavalo. Hontem tambem n'esta cidade foi para o hospital outro soldado maltratado pelo cavalo.

Concurso.—Está aberto concurso para provimento de um logar de escriturario de fazenda do concelho de Anadia.

Trabalho no mar.—Recomeçou hontem o trabalho no mar. Já tarde começou a abrandar e houve por isso serviço em algumas costas. A pesca não foi abundante, mas foi sardinha graúda e boa, como ainda se não vira. Em Espinho saira assim ha dias, pelo que se vê que a pesca vem vindo dos mares do norte.

Mercado de sal.—Este genero continúa com o preço de 24$000 o barco de 15:000 litros.

Os vinhos da Bairrada.—Acham-se concluidas as vindimas em toda a Bairrada, e, segundo dizem, o vinho é de qualidade muito superior á colheita do ano passado. Os mostos, marcando 20° e 22° Guyot, acusam uma elevada percentagem de assucar e o vinho denota uma côr muito carregada. A quantidade é inferior á de 1885, calculando-se que terá havido na Bairrada metade do vinho recolhido o ano passado.

Noticias Diversas

Inventario de el-rei D. Fernando.—A proposito de uma noticia, em que se diz que fôra requerido ao juizo que se mandasse adiantar o trabalho dos louvados no inventario de el-rei D. Fernando, é interessante saber-se, diz o *Diario de Noticias*, que as avaliações mais demoradas, e ainda não concluidas, posto que no maior adiantamento possivel, são as que respeitam aos grupos de gravuras, quadros e livros.

Estas avaliações, comtudo, não podiam ser feitas apressadamente, sem certo exame e estudo consciencioso. Nas opulentas coleções de gravuras, el-rei conseguira reunir o que se conhece de melhor e mais valioso n'este genero, não só pelo numero mas tambem pela qualidade. Existem ali talvez mais de 14:000 ou 16:000 estampas, dos mais notaveis gravadores, e as coleções mais completas de Durer, Rembrandt e outras de igual importancia.

Os quadros contam-se aos centos, estando representadas muitas escolas e alguns pintores de primeira ordem. E' sabido que os artistas antigos, em geral, eram descuidados em legar á posteridade, nas telas, os seus nomes e as datas dos seus trabalhos, e d'ahi nasce alguma dificuldade em determinar para logo a epoca e o valor de certos quadros.

Na livraria foram encontrados talvez 14:000 volumes, 2:000 ou 3:000 litografias e 1:000 a 1:500 fotografias. Entre esses livros ha obras em quasi todos os idiomas europeus e inumeros trabalhos notaveis pelo valor literario ou cientifico, e pela elevada importancia de encadernações especiaes e principescas. Riquezas bibliograficas que não podiam passar igualmente sem merecerem mui séria atenção dos respétivos avaliadores. Nas salas, chamadas de musica, já foram encontradas, tendo sido relacionadas, não menos de 5:000 peças, em que se vêem os nomes dos mais afamados maestros portuguezes, hespanhoes, francezes, inglezes, italianos e alemães; e uma notabilissima coleção de composições de autores hungaros, suecos e americanos.

As avaliações dos objétos de ceramica e de arte, e as das propriedades rusticas e urbanas, ao que nos consta, só dependem das ultimas conferencias dos louvados para desempate de verbas.

Já estão concluidas as avaliações dos objétos de ouro, prata e pedras preciosas, bem como dos semoventes, que existiam no palacio das Necessidades. Os primeiros foram avaliados, no total em 14:423$413, sendo: 11:313$015 dos objétos que el-rei possuia quando passou a segundas nupcias em 10 de junho de 1869, que se compõem de 111 verbas, e 3:110$400 dos objétos adquiridos depois do seu casamento com a sr.ª condessa d'Edla, e que se compõem de 55 verbas. Esta avaliação foi feita pelos ourives srs. João Pedro de Oliveira Soares, Caetano Maria Belo e Francisco José Tavares. Os semoventes, isto é, animaes, trens, arreios e ferragens, foram avaliados, no total, em 2:017$500, sendo: animaes de especie cavalar, 310$000; trens, 1:072$ arreios, 598$000; ferragens, 37$500.

Marquez de Pombal.—Finou se na segunda-feira em Lisboa o sr. marquez de Pombal, Manuel de Carvalho Melo Daun Albuquerque Sousa e Lorena, descendente do grande estadista Sebastião José de Carvalho e Melo. O nobre fidalgo, agora falecido, era o 5.º marquez de Pombal, 5.º conde de Oeiras, gentil-homem da casa real, par do reino, grã-cruz da Conceição e de Cristo, e Balio de S. João de Jerusalem. Nascera em 3 de março de 1821; casára em primeiras nupcias com a sr.ª D. Eugenia Manuel de Noronha, filha do 10.º e ultimo conde de Atalaia, e em segundas nupcias com a atual marqueza. E' herdeiro do titulo seu filho o sr. conde de S. Tiago, que passa a ser o 6.º marquez de Pombal. O falecido era caráter bondoso e por todos respeitado. Estivera alguns anos ao serviço, como camarista, de el-rei D. Fernando, que muito o distinguira e prezára.

Desgraça.—Um operario que trabalhava n'uma pedreira do concelho de Coura, morreu instantaneamente, em consequencia de uma pedra lhe esmigalhar o craneo.

Novo jornal.—Consta-nos que começará a publicar-se em Coimbra, no dia 18, um novo jornal com o titulo de *Correio Academico*.

Despachos de justiça.—Fizeram-se os seguintes:

Bacharel José Gonçalves da Costa Ventura, juiz de direito da comarca de Monte-mór-o-Velho, licença por 30 dias.

Bacharel Jose Maria de Goes Mendanha Raposo, aprovado para substituir o juiz de direito da comarca de Montemór-o-Velho durante o goso da licença n'esta data concedida.

Bacharel Antonio Augusto Fernandes Braga, juiz de direito da comarca de Miranda do Douro, licença por mais trinta dias.

José Manuel Vaz das Neves, aprovado para substituir o juiz de direito da comarca de Miranda do Douro durante o goso da nova licença n'esta data concedida e por haver adoecido o substituto aprovado por despacho de 6 de setembro.

Despachos das alfandegas.—Verificaram-se os seguintes:

Alfredo Marcolino de Almeida, aspirante da alfandega do Porto, transferido para a de Lisboa.

Marcelino Augusto da Costa Monteiro, aspirante da alfandega do Porto, transferido para a do consumo.

Francisco Batista Ribeiro, nomeado chefe de distrito da fiscalisação dos portos e rios, na zona do Porto.

Joaquim do O Ramos, idem, na zona de Lisboa.

José Maria de Oliveira, nomeado subchefe de distrito da fiscalisação dos portos e rios na zona de Faro.

Manuel Jacinto de Taves, idem na zona de Ponta Delgada.

Vicente Ferreira, colocado adido ao quadro da fiscalisação dos portos e rios, prestando serviço na zona de Lisboa.

Frederico Guilherme de Azevedo e Cunha, idem, idem.

Antonio Augusto Guedes Sequeira Tedim, e João Francisco de Guimarães Cativo, concedida a serventia vitalicia dos logares de 3.º verificador da alfandega do Porto.

João José Soares, 3.º oficial da alfandega de Lisboa, promovido a 2.º oficial da do Porto.

Despachos do ministerio dos estrangeiros.—Efetuaram-se os seguintes:

Firmino Costa, governador da provincia de Macau e Timor, nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario nas côrtes de Pekim, Ieddo e Bangkok.

Agostinho de Ornelas de Vasconcelos Esmeraldo Rolim de Moura, par do reino, nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na côrte de Madrid.

Vicente Rodrigues Monteiro, exonerado, a seu pedido, do lugar de dirétor da direção politica do ministerio dos negocios estrangeiros.

Agostinho de Ornelas de Vasconcelos Esmeraldo Rolim de Moura, par do reino, transferido do lugar de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na côrte de Madrid, para o lugar de dirétor da direção politica do ministerio dos negocios estrangeiros.

Obra importante.—Consta que o sr. bispo de Bethsaida já mandou para o prélo o seu novo livro intitulado *A Bula da Cruzada*, que é destinado a explicar a nova bula, a pedido seu concedida por Sua Santidade com novas graças. Incluem-se na publicação os dois magnificos sermões da bula, prégados na Sé de Lisboa, o ultimo dos quaes é um quadro brilhantissimo do que deve ser, e valer o padre pela sciencia, e pela virtude na sociedade moderna.

A obra é dedicada ao Nuncio de Sua Santidade, Monsenhor Vanutelli.

Circunscrições hidraulicas.—Foram creadas as tres circunscrições hidraulicas, que, com a segunda já creada, prefazem o numero prescrito na lei de 6 de março de 1884.

A 1.ª ficou com a séde em Viana do Castelo, a 3.ª em Lisboa e a 4.ª em Setubal.

Para chefe da 1.ª circumscrição foi nomeado o sr. J. Tomaz da Costa, que era diréfor das obras publicas de Viana; para este logar foi nomeado o sr. Ernesto Julio Goes Pinto.

Para chefe da 3.ª circumscrição foi nomeado o sr. Joaquim Pires de Sousa Gomes. A direção da fiscalisação do caminho de ferro de Lisboa a Torres, que estava a cargo d'este engenheiro foi extinta, ficando anexada á direção da fiscalisação de Torres á Figueira a Alfarelos.

Para diréfor da 4.ª circumscrição hidraulica foi nomeado o sr. Braga, atual diréfor das obras publicas de Beja, continuando provisoriamente com esta direção.

Foi tambem extinta a direção especial das obras do Tejo. O sr. Antonio de Almeida, que era o diréfor d'essas obras, passou para a junta consultiva das obras publicas e minas.

Foi tambem extinta a junta central de administração dos trabalhos de melhoramento sanitario. Estes trabalhos, como os das obras especiaes do Tejo, ficam a cargo da 3.ª circumscrição hidraulica. hidraulica.

O sr. Lopes de Andrade, diréfor das obras publicas do Funchal, foi transferido para a 3.ª circumscrição.

O sr. Sousa e Silva, diréfor das obras publicas de Ponta Delgada foi transferido para egual cargo no Funchal.

O sr. Alvaro Kopke de Carvalho, diréfor das obras do porto artificial de Ponta Delgada, foi transferido para a 1.ª circunscrição hydraulica.

Foi assinado por este motivo o regulamento para as circunscrições hidraulicas, e louvada a comissão que o elaborou.

Vinho exportado.—Em julho ultimo a exportação de vinho comum pelas alfandegas do continente e ilhas subiu a 136:147.24 hectolitros, no valor de reis 816:883$600; 27:123,66 de vinho do Porto no valor de 488:225$800 reis; e de vinho da Madeira 1:285,05, no valor de 23:130$900 reis.

Valor total 1.328:240$300 reis.

Despachos administrativos.—Verificaram se ultimamente os seguintes:

Joaquim Robalo Guedes, exonerado, a seu pedido, de administrador substituto do concelho do Fundão.

José Alfredo Menici, administrador substituto do concelho de Monforte, nomeado administrador efétivo do mesmo concelho.

João Franco de Miranda Carvalho, exonerado de administrador substituto do concelho de Arruda.

Francisco Luiz Vila Ferreira, nomeado administrador substituto do mesmo concelho.

Demetrio de Laxman, subdito russo, naturalisado portuguez.

Licenças de justiça.—Fizeram-se as seguintes:

Bacharel Francisco Maria da Graça Matoso da Silva Côrte-Real, delegado do procurador regio na 4.ª vara da comarca de Lisboa, licença por trinta dias.

Bacharel Antonio Augusto de Abreu, delegado do procurador regio na comarca de Moimenta da Beira, licença por sessenta dias.

Joaquim Nunes Morão, escrivão e tabelião do juizo de direito da comarca de Elvas, licença por trinta dias.

Correio da moda.—Reproduzimos do ultimo numero da *Moda Ilustrada*:

«Estamos em outubro e começa-se a tratar das *toiletes* de inverno.

Por ora fala-se vagamente nas novidades que teremos para esta estação, porque só depois da chegada dos modelos de Paris se fazem as escolhas.

Nos artigos de modas, por mais explicações que se dêm, não se faz uma ideia bem exata d'eles, sem se terem visto. Porque um ou dois centimetros que tenha a mais a aba de um chapéu, lhe dá uma aparencia inteiramente diferente de outro que os não tenha.

O modo de atar um laço, de pôr uma pluma, ou colocar uma flor, é o que torna muitas vezes um chapéu elegante e lhe dá o tom da moda. Ha anos que se usam as capotas. Os enfeites são sempre os mesmos, o feitio quasi igual, e no entanto que diferença se lhe acha de ano para ano!

A aba com menos roda, a copa feita um pouco mais alta, as flores ou plumas em *aigrete*, e eis as capotas perfeitamente diversas das que se usavam ha dois anos. Nos vestidos acontece o mesmo. As saias caem em pregas levantando em pequenos apanhados. Se as nossas leitoras não virem os nossos desenhos ou os modelos de Paris, com esta explicação serlhes-ha impossivel conhecer a diferença que essa saia faz das que se usavam ha um ano, as quaes tambem caíam em pregas e levantam em pequenos apanhados.

Diz-nos a nossa informadora de Paris que as mudanças nos vestuarios são pequenas, e que muitos d'eles se poderão aproveitar para este ano, o que é uma boa noticia para as senhoras economicas. Umas guarnições novas, a mistura de um outro tecido, darão a um vestido, já um pouco usado, a aparencia de novo.

O veludo e a pelucia continuam o seu reinado. E' com estes dois tecidos que se hão de enfeitar capas, chapeus e vestidos.

O branco misturado com o preto parece que dominará as *toiletes* de inverno, assim como se vê profusamente nas de meia estação.

Nas corridas de Long-Champs a maior parte dos trajos eram pretos ou brancos, e muitos reuniam as duas côres.

Nos teatros de Paris, reabertos na semana passada, as mais elegantes *toiletes* eram de renda preta aplicada sobre seda branca.

Continuam os vidrilhos a ser moda e a formarem as lindas guarnições que vimos ha tempo sobre todos os objétos de vestuario.

O nosso jornal começa hoje dando os modelos das capas de inverno. Diferem um pouco das do ano passado, mas como cada modista quer apresentar uma novidade nos feitios ou nas guarnições, torna-se cada vez mais dificil o inventar uma confeção que tenha alguma originalidade e que, quando não seja igual das que temos visto, ao menos se não pareça muito.

Nas confeções, assim como em todos os objétos de vestuario, o que primeiro devemos ter em vista é o que nos fica melhor e não o que mais se usa.

Hoje é facil poder fazer essa escolha, porque se usa tanto a visite comprida cobrindo o vestido e parecendo redingote, como a visite curta que apenas cobre atraz a cintura; a jaquete justa desenhando bem o corpo, como o mantelete que o encobre completamente.

Nos tecidos que hão-de compôr as *toilettes* de inverno ha algumas que são uma beleza. As sarjas de lã de Lima tendo o fundo escuro coberto de riscas finas, em côres diferentes, e outras em xadrez miudo.

As *epinglines* com riscas *bonclées* que unidas ao mesmo tecido liso formarão trajos; os *oxford-Cambridge*, tecido que apresenta grande originalidade, destinado para as *toilettes* das meninas. O fundo é branco e as riscas azues, vermelhas ou rosa. Como teremos lindos tecidos e de uma diversidade espantosa, a dificuldade, para ter um elegante costume, estará só na escolha. E' n'isso que o nosso jornal ajudará a vv. ex.as, dando-lhes os desenhos mais modernos do que se usa em Paris.»

— Da correspondencia de Paris para o *Elegante*:

«Eu não reconheço por emquanto alterações nos figurinos. A moda continúa a exigir o desenho das fórmas. As sobrecasacas, os fraques e os *vestons* ainda se mostram bastante fechados na frente, e as calças devem, como até aqui, indicar as curvas da perna. Os coletes, direitos e de rebuço, confecionam-se (desculpe-se-me o galicismo) de côres que se harmonisem com as calças. Na casaca preta, acompanhada de colete de setim preto ou branco, nenhuma mudança a notar. A sobrecasaca assertoada, cujo *ensemble* fórma de certo o melhor adorno do busto, é que ficou sujeita, segundo me disse o meu alfaiate, a novas regras de etiqueta. Assim, quando se tratar de uma visita, a sobrecasaca deverá sempre ser preta; quando, porém, se tratar de um passeio ou de uma ida ao teatro, a sobrecasaca então deverá ter de preferencia uma *nuance* escura: azul ferrete, verde garrafa ou côr de castanho. Pequenos caprichos de ceremonial que servem apenas para cada um mandar fazer duas sobrecasacas em vez de uma.»

Novas de Fóra

Conspiração descoberta.—Segundo despachos da fronteira da Russia, circula em S. Petersburgo o boato de que se descobriu efétivamente uma tentativa de assassinato contra a familia imperial.

Os conjurados propunham-se fazer descarrilar o comboio que conduzia o czar, a czarina e seus filhos.

Foram prezos cinco nihilistas disfarçados em aldeões que se supõe implicados na conspiração. A policia descobriu a conjuração e póde evitar-se assim uma grande catastrofe.

Por um cabelo.—O finado marechal prussiano de Monteufel, conta um jornal de Pariz, statthalter da Alsacia-Lorena, achava-se á meza com um diplomata francez que o queria convencer do bom gosto do operario do seu paiz. Nada ha feio, dizia, que não possa ser transformado por uns dedos habeis, n'um objéto gracioso.

O velho soldado, impaciente, arrancou um cabelo grisalho da sua barba espessa e dando-o ao diplomata, disse-lhe:

— Pois bem! trate de fazer alguma coisa bonita com isto, a fim de provar a exátidão do que avança.

O francez tomou o cabelo e enviou-o a um ourives parisiense, a quem explicou por carta o motivo da remessa; apelava para o seu orgulho patriotico, a fim de que produzisse alguma coisa bela. Não importava o preço.

Decorreu-se uma semana. Um pequenino envolucro chegou de Pariz: era um cofresinho em que estava colocado um formoso alfinete, cuja-cabeça representava a aguia da Prussia, tendo nas garras o cabelo do marechal. A este estavam prezas duas esferasinhas d'ouro, em cada uma das quaes se lia: «Alsacia-Lorena.» No penbasco em que estava pousada a aguia, lia-se em francez: «Tendel-as só por um cabelo.»

Tragi-comedia nupcial.—Uma folha de Roma refere um caso ao mesmo tempo dramatico e comico, talvez o primeiro que no genero tenha acontecido.

Casaram dois jovens pertencentes á classe média, e as bodas celebraram-se em casa do pae da noiva.

Os recem-casados tinham casa propria preparada já e para a qual iriam dormir, depois de terminadas as festas nupciaes.

Emquanto os noivos recebiam os cumprimentos e os brindes dos convidados para o banquete em casa dos paes da noiva, apresentava-se á porta da casa dos recem-casados uma senhora bem vestida, dizendo-se amiga da noiva, a quem queria preparar uma surpreza, para o que precisava da chave da casa por alguns momentos. A porteira entregou-lhe a chave, que meia hora depois lhe foi devolvida.

Acabadas as festas altas horas da noite, os recem-casados dirigiram-se para sua casa acompanhados dos paes, parentes e convidados, que d'eles se despediram á porta, desejando-lhes mil venturas.

Subiram os noivos para as escadas, entraram em casa e ali encontraram a surpreza.

Na cama destinada á noiva estava deitada uma senhora ainda nova, tendo a seu lado uma creança recem-nascida. Era uma pobre menina seduzida pelo noivo, e que ele abandonára para casar com a outra que era rica.

Calcule-se a cara que faria o sujeito e o escandalo que não produziriam os gritos e as exclamações da noiva.

O jornal italiano não dá outros pormenores senão que a noiva foi para casa dos paes onde passou a sua primeira noite de casada.

O que resta da vida d'uma cortezã.—No hotel Drouot, em Pariz, tem-se feito n'estes ultimos dias a venda dos moveis que pertenceram á celebre cortezã Cora Pearl.

Alguns fanaticos tem disputado vivamente objétos de pequeno valor, a titulo de recordação. O retrato a cavalo, de Cora Pearl, por Emilio de Lansac, foi vendido por 300 francos; um prato de porcelana da China, 250 francos; duas estatuas em bronze, 210 francos.

Promenor curioso: n'uma meza achava-se um colar de perolas falsas que um grupo de senhoras queria dividir entre si, como uma recordação de Cora. Essas perolas falsas valiam uns dous francos e foram vendidas por 35 francos. O leilão rendeu no total 22:000 francos.

Morta pelo amante.—No dia 2 do corrente, um tal Jaques Rion, empregado do comercio de Brest, matou a amante com uma facada na garganta.

A lamina cortou inteiramente a arteria carotida. O criminoso foi prezo.

Uma nova doença da vinha.—Um correspondente da *Gazete Piemontaise* afirma a existencia de uma nova doença da vinha, que ameaça de destruição completa as vinhas de Salussola. Eis como ele explica a manifestação d'esta doença:

O pé da cepa emagrece como se estivesse seco, e os primeiros cachos da extremidade secam-se, seguindo-se depois todos os outros; e conta que percorreu vinhedos, dos melhores agricultores, completamente atacados d'esta molestia.

O ASSASSINO DO BISPO DE MADRID

SEGUNDA SESSÃO

Desde as 11 horas da manhã muita gente se aglomerava ás portas do palacio da justiça, que estavam guardadas por sentinelas da guarda civil, varios aguazis e porteiros da audiencia e um inspétor de policia urbana.

Ao meio dia apeiou-se da carruagem celular o cura Galeote, vestido com habitos talares e acompanhado por um cabo e dois guardas civis.

Com ele entraram tambem dois processados por causas diversas, sendo os tres conduzidos ao logar dos réus.

Uma hora antes de começar a audiencia os assentos destinados no estrado aos jurisconsultos estavam todos ocupados com rapazes saidos das aulas.

O sr. Alonso Martinez, acompanhado da sr.ª de Capdepout tomaram assento em umas cadeiras que formavam a primeira fila dos bancos destinados ao publico.

Por detraz, nos dois bancos de terciopelo, viam-se varias senhoras.

O sr. Capdepout, sub-secretario da graça e justiça, entrou na sala vinte minutos depois e tomou assento ao lado da filha do ministro do seu departamento.

A' 1 e vinte minutos o tribunal ocupou os seus lugares, colocando-se os guardas civis armados na entrada, e principiou a sessão, depois das palavras do presidente.

Está aberta a sessão.

Audiencia publica.

O cura Galeote com a capa traçada e passo resoluto, sentou se no banco e desatou um rolo de papeis.

(O publico entrou na sala com a maior ordem. Nos corredores produzia-se um ligeiro tumulto em virtude da gente que lutava para entrar.)

Declarações dos peritos

Os medicos forenses D. Gregorio Saez Domingo e D. B. Escribano prestaram juramento segundo a lei.

O fiscal. Examinastes o cadaver do sr. bispo?

Os medicos. Sim, senhor.

O fiscal. Sirvam de dar detalhe das feridas e incomodos sofridos pelo defunto prelado e declarar se as feridas eram fatalmente mortaes.

O sr. Escribano explicou scientificamente as feridas que produziram a morte do sr. bispo, as alterações que tiveram e que acabaram com a vida da ilustre vitima, trinta e seis horas depois de produzidas, afirmando que as feridas foram mortaes.

O delegado. Está de acordo o outro perito?

O sr. Saez e Domingo. Sim, senhor.

O delegado. A que distancia lhe fizeram os tiros?

O perito. A' queima-roupa.

O defensor fez algumas observações aos medicos sobre detalhes da informação que pareciam contraditorios e que foram explicados pelo sr. Escribano.

Pede que declare o medico se o sangue derramado pela ferida mais grave não procedia de outra afeção que o bispo padecesse, ou dos movimentos que fez o corpo ao ser trasladado á habitação onde foi reconhecido.

O perito. Afirmou com dados scientificos que a bala que atravessou o figado foi a que produziu a hemorragia.

O defensor. Pediu aos medicos que explicassem porque eram fatalmente mortaes as feridas.

O sr. Escribano. Cumpriu satisfatoriamente o pedido do defensor e entre outros detalhes disse que sómente uma das balas tinha deixado meio morto o bispo, segundo a fraze de um ilustre catedratico que o examinou, e que a metade meia morta se encarregava de aniquilar a outra metade.

Depois de ligeira discussão entre o defensor e os peritos, o primeiro pediu ao presidente que alterasse a ordem em que deviam prestar-se as declarações e chamasse os srs. Leon Corral, Adolfo Moreno Pozo, Manuel Carceles e Francisco Blanco, medicos.

Deferido o requerimento. entraram na sala aqueles senhores e prestaram juramento.

Interrogado pelo ministerio publico o primeiro d'aqueles senhores sobre a sua intervenção como medico ao ocorrer aquelle sucesso, declarou que se achava por casualidade no atrio da catedral quando foi ferido o bispo e se ofereceu como facultativo, prestando os primeiros socorros e opondo-se a que conduzissem o ferido ao palacio episcopal como desejavam os sacerdotes.

Explica a primeira cura que praticou e refere os detalhes já conhecidos da trasladação do bispo á contadoria do Cabido.

O delegado. Que opinião formou das feridas?

A testemunha. Que eram gravissimas.

O delegado. Eram fatalmente mortaes?

A testemunha. Ao principio não se podia formar juizo; mas depois da autopsia viu-se que a ferida do hipocondrio era necessariamente mortal.

O delegado. Pode afirmar-se que morreu em virtude das feridas?

A testemunha. Sim senhor. Durante todo este tempo Galeote esteve tranquilo e ouvindo distraído as declarações dos medicos; dir-se-ia que era um espétador a quem aborrecia o espétaculo.

O delegado foi de opinião que deviam retirar-se tres das testemunhas e permanecer uma fazendo declarações.

Autopsia

Segundo a declaração, que consta do processo, os facultativos encarregados da autopsia disseram:

Que em uma das habitações do palacio episcopal procederam á autopsia do cadaver do bispo, D. Narciso Martinez Izquierdo, tendo notado o seguinte:

1.° Uma ferida de arma de fogo, com caráteres claros, de orificio de entrada, situada na parte superior direita do hipocondrio do mesmo lado.

2.° Outra ferida com os mesmos caráteres e condições da anterior, na parte direita da região dorsal, ao nivel da undecima vertebra, a seis centimetros da coluna vertebral.

3.° Outra ferida, tambem de arma de fogo, na parte posterior do musculo direito, na união proximamente do terço medio e superior.

4.° Outra ferida na parte anterior do mesmo musculo, de 3 centimetros de extensão, ao nivel da anterior, cuja lesão fôra feita em vida, com o fim de extrair um projétil.

5.° Uma erução no joelho esquerdo e uma ligeira contusão no hombro esquerdo, ocasionadas provavelmente ao cair no chão, na ocasião de ter sido ferido.

Continua a descrição minuciosa, e chegam finalmente á seguinte conclusão:

1.° Que a morte fôra produzida pelas feridas acima descritas.

2.° Que eram mortaes.

3.° Que a ferida do musculo era grave.

4.° Que não é possivel precisar a ordem em que foram feitas essas feridas.

5.° Que o agressor, ao disparar, deveria estar colocado á direita e por traz do agredido.

6.° Que o dito agressor deveria estar colocado n'um plano inferior ao do agredido, ou se agachára para disparar.

7.° Que deveria ter disparado á queima-roupa.

O dr. Carral

O defensor dirigiu ao sr. Carral analogas perguntas ás que tinha feito aos medicos forenses, com o fim de provocar a prova de que a morte do bispo foi devida a qualquer outra causa e não ás feridas.

Entabolou entre a defeza e a testemunha um dialogo scientifico ácerca do trajéto do projétil atravez do ventre, até chegar á coluna vertebral.

Considerou as feridas mortaes, *ut plurimum*, e não forçosamente, de que se faz hoje abuso na generalidade dos casos.

Nas feridas do hipocondrio e da coluna vertebral acontece, segundo dados estatisticos, que não são sempre mortaes, por força, pois Otis fez uma estatistica em que ha 16 1/2 por 100 de salvados.

O defensor insistiu em pedir declarações sobre o caráter das feridas que produziram o *colapso* e a morte do bispo.

A testemunha. E' publico e notorio que tanto o sr. Carceles Sabater, como eu, não estavamos de acordo sobre o tratamento seguido; desde os primeiros momentos compreendi a gravidade do caso e não achava rasoavel o tratamento, exageradamente expetante, que se poz em pratica, por mais que eu respeite o procedimento dos outros professores; havia ali uma ferida do costado, que não se sabia se era penetrante; um colapso crescentes e paralisia dos membros inferiores, que em nada ilucidavam o prognostico, a não ser a paralisia, que indicava uma lesão da medula, sem que então podesse ter-se como certa a morte.

Portanto devia fazer-se um reconhecimento completo para formular um diagnostico formal; basta lembrar que existe a balança de indução de Hughes, que passando-a por um corpo ferido, dá a conhecer a situação d'um projétil, como ocorreu com as feridas do presidente dos Estados-Unidos, o sr. Garfield; isto não se fez com o sr. bispo.

A reitr das perguntas do defensor, disse que o colapso se combateu com gotas de vinho generoso e injéções de ether, embora não podesse aclarar mais o que desejava a defeza.

O defensor propoz uma acareação da testemunha com os medicos da autopsia.

O delegado entendeu que a testemunha não tinha o caráter de perito, mas o de testemunha de facto, e chamou a atenção da sr.ª para a tendencia da defeza de que a morte do bispo não foi causada somente pelas feridas.

Crê a testemunha que, se se houvesse aplicado o tratamento que julgava oportuno, se teria salvado o bispo?

A testemunha. O tratamento geral é o das feridas.

O delegado. Seguindo-se esse tratamento, haver-se-hia salvado o bispo?

A testemunha. Absolutamente não se póde dizer, mas quanto mais acertado fôr um tratamento, mais, probabilidade ha de salvação.

O delegado. O colapso foi uma consequencia das lesões?

A testemunha. Sim, senhor.

O delegado. Se as lesões produziram o colapso e este a morte, póde dizer-se que a morte foi resultado das lesões?

A testemunha. Sim, senhor.

Acareação

O sr. Sáez Domingo, medico forense, que executou a autopsia, fez saber que esta operação foi absolutamente completa, como se vê das informações e das deduções.

Confirmo a existencia no ventre do derramamento sanguineo na quantidade de um litro.

Emquanto ao caráter das feridas, disse, devia diferençar se a opinião teorica da pratica, e que, as recebidas pelo bispo, eram por força mortaes, na opinião dos medicos forenses que verificaram a autopsia.

Alargou se em detalhes sobre o trajéto do projéteis atravez do corpo do bispo.

O sr. Carrat rétificou, declarando não ter visto o derramamento.

Os srs. Sáez Domingo, Escribano e Carral discutiram sobre este ponto e sobre o caráter das feridas.

O doutor Carceles Sabater

O delegado perguntou á testemunha se tratara o bispo, se as feridas eram necessariamente mortaes, e se foram a causa da morte.

Referiu a testemunha que passava casualmente pela rua de Toledo, quando, depois de ter ouvido as detonações, se aproximara d'ele um sacerdote, que, sem duvida, o conhecia, e lhe pediu para ir ver o bispo, que acabava de ser ferido.

Ao entrar no quarto onde se achava o bispo, viu o sr. Moreno Pazo, Bueno e Corral, estranhando que o primeiro tamsómente se dispozesse a colocar sobre as feridas uns fios embebidos de ceroto simples, sem previamente as lavar.

Prescreveu que lhe dessem vinho de Xerez, para combater o colapso; mas o dr. Creus, já encarregado da assistencia do enfermo, prohibiu terminantemente que durante horas lhe ministrassem qualquer alimento.

A testemunha foi de opinião tambem que era necessario uma inspeção mais minuciosa, a que se opozeram os demais facultativos.

Recordou que, depois da consulta, é que as feridas foram pensadas com uma toalha, sem as lavar, nem mesmo empregar o curativo antiseptico; tão pouco quiz o dr. Creus que se lhe ministrasse vinho com gelo; e prescreveu, pelo contrario, que se lhe désse um pouco de lingua de vaca assada, que em breve trecho foi vomitada, seguindo-se-lhe um estado grave.

O sr. bispo —disse—morrera em consequencia do colapso, o qual não foi devidamente levado em conta; emquanto ás feridas, não eram necessariamente mortaes; e nenhum professor de mediana illustração póde sustentar, nem opinar o contrario.

Citou a obra de Assur, medico da Pensilvania, traduzida e comentada pelo dr. Creus, o qual sustenta um tratamento completamente diverso do que foi aplicado ao bispo.

Manifestou que, com respeito ás feridas do figado, sucedia o mesmo que ás da coluna vertebral, aduzindo diversos casos concretos.

Resumiu as suas opiniões, manifestando que não se combatera o colapso, e, que a não fazel o *ex-professo*, não podia proceder-se ali com maior abandono. (Estas graves acusações do dr. Creus produziram uma profunda impressão no auditorio.)

O presidente. Chama a testemunha para a questão.

A testemunha. Proseguiu afirmando que as feridas não eram evidentemente mortaes, e que depois de se combater o colapso devia intervir a cirurgia, para reconhecer a intensidade d'essas feridas.

O delegado. Perguntou de novo categoricamente se o colapso fora produzido pelas lesões.

A testemunha. Davo primeiro dar uma explicação: nas operações cirurgicas sobrevem o colapso, e, se se despreza este, póde produzir a morte.

O delegado. Insistiu na sua pergunta: se o colapso fora ou não a causa da morte.

A testemunha. Sim, senhor.

Acrescentou que as injéções de eter, feitas nos ultimos momentos, não serviram para combater o colapso.

O delegado. Replicou que essas apreciações eram puramente pessoaes da parte da testemunha, visto que outro facultativo sustentava o contrario, assegurando que o colapso tinha sido bem combatido. Entende—perguntou ele—que, se tivessem aplicado o seu tratamento, ter-se-ia salvo o bispo?

A testemunha. Afirmo-o em absoluto, fundando-me nas estatisticas.

O delegado. De maneira que pensa que os medicos, que deixaram morrer o bispo, teem uma grande responsabilidade moral?

A testemunha. Isso mesmo já fiz constar n'um documento que publiquei. Insisto em sustentar que o bispo morreu por não se combater o colapso; dominado este, proceder-se-ia logo ao curativo das feridas e é muito possivel que se salvasse o bispo. Sou de opinião que, depois de passar o colapso, dever-se-ia operar, auxiliados pélo método anti-sético de Lister.

O defensor consignou que não existia contradição entre o que afirmaram os srs. Corral e Carceles.

Procurou esclarecer algumas duvidas expostas na declaração da ultima testemunha.

Pensa a testemunha—acrescentou—que o dar-se-lhe a lingua de vaca produzia a morte do bispo, visto o seu estado?

A testemunha. Julgo-o em absoluto. (Movimento de estranheza.)

Disse que no outro dia o dr. Creus curava as feridas com um liquido, lendo-se no frasco: «*Azeite de la Santa Paz.*»

O doutor Blanco

A's perguntas do delegado respondeu que achando se dentro do templo de S. Isidro, ouviu as tres detonações e dirigiu-se á porta, encontrou o bispo ferido e nos braços de tres sacerdotes.

Ofereceu os seus serviços, como medico, aconselhou a que o transportassem a uma habitação imediata, que era a contadoria; mas não se encontrando a chave, foram obrigados a pensal-o no chão, emquanto se não arrombava a porta.

N'este comenos chegaram os srs. Corral e Moreno Pozo, os quaes despindo a vestimenta do bispo, começaram a proceder á inspeção, encontrando logo a ferida no hypochondrio, sem que fosse preciso empregar o estilete e evitando todo o movimento; encontraram depois, na parte exterior do musculo direito o orificio de entrada de outro projétil, o qual foi extraído pelo dr. Moreno Pozo e entregue ao juizo.

Classificou as feridas evidentemente mortaes.

O delegado. De maneira que entende a testemudha que as feridas foram a causa da morte do bispo, e que as considerava necessariamente mortaes?

A testemunha. Sim, senhor.

O defensor. Se não póde reconhecer-se a ferida do hipocondrio, como a considera necessariamente mortal?

A testemunha. Porque a paralisia nas pernas denotava a afeção na medula e, portanto, fatal a morte, e muito mais quando estava atacado o figado.

O defensor. Como é que sabia da existencia da hemorragia interna?

A testemunha. Pelo estado do pulso, e outros signaes de colapso, que tornaria necessaria a aplicação de um estimulante.

O defensor. O bispo morreu em consequencia de uma peritonite?

A testemunha. O exame da autopsia fornece os dados sobre o assunto.

O doutor Moreno Pazo

Esta testemunha declarou que se achava na catedral, e depois dos tiros, os substitutos do alcaide, os srs. Ruiz Velasco e Plazaola, o chamaram, visto achar se ferido o bispo.

Relatou o exame que fez das feridas, sem que podesse empregar o estilete, pela posição em que estava o bispo, resultando que o seu dedo sentiu que o figado estava afétado; além d'isso, notava-se paraplegia, e, portanto, antes de tudo, o curativo que ali mais urgia era o da ferida penetrante do hipocondrio, não sendo necessario ser medico para comprehender que, ferido o figado, estavam feridos muitos vasos que poderiam produzir uma hemorragia interna, e portanto era mister tapar as feridas, para se fazer a devida compressão; e assim se fez.

Aconselhou que se ministrasse ao doente a extrema-unção, e, ao passal-o para a cama, fez-lhe um segundo exame, encontrando o projetil no musculo, o qual foi extraido pela testemunha.

Ao dr. Creus entregou o doente, manifestando-lhe os receios que oferecia a ferida do ventre, para a qual aconselhava uma situação expetante; o dr. Creus conformou-se, mas o dr. Carceles, disse ele, abriria o ventre imediatamente para procurar o projetil.

O enfermo, pela lesão do figado, não conservava coisa alguma no estomago, cuja excitação procuraram combater, procedendo a uma cura nas feridas; então notaram na coluna vertebral um orificio produzido pelo projetil.

O prognostico não se modificou, mas em vista da consulta a que se procedeu, concluiu-se que esse orificio era de um novo projetil, e que as feridas da medula e do hipocondrio eram mortaes, dando depois a autopsia a confirmação d'este diagnostico, causando admiração que o sr. bispo ainda tivesse vivido depois d'aqueles ferimentos umas trinta horas. O projetil tinha entrado pelo hipocondrio direito, atravessou o figado e pericardio, e foi encontrado na caixa toraxica ao lado esquerdo.

(O publico ouve atentamente esta interessante declaração).

O delegado perguntou se podia calcular-se pelas roupas do sr. bispo a distancia a que se fizeram os tiros.

A testemunha respondeu negativamente.

O defensor perguntou á testemunha a razão por que disséra que o sr. bispo não podia falar, e, sem embargo, ele conferenciára com o sr. presidente do conselho e com o sr. Nuncio.

Testemunha. Não havia taes conferencias, eram simplesmente os cumprimentos das pessoas distintas que o conheciam.

Defensor. Houve, ou não, hemorragia interna?

Testemunha. Sustento que a houve; não digo a hemorragia grave, mas a hemorragia lenta, produzida pela ferida d'um orgão tão importante como o figado.

Defensor.—A hemorragia de um litro de sangue no peritoneo póde conhecer-se em vida do enfermo?

Testemunha. Sim, senhor, pelo pulso; e desde a noite do sucesso notaram-n'o os medicos, operação tão importante, que de meio corpo para baixo existia a paralysia.

O presidente suspendeu a sessão, depois d'esta declaração, eram 5 horas da tarde.

Durante estas declarações o réu Galeote prestou pouca atenção, e no fim exclamou a meia voz:

—Já acabaram de falar de derramamento de sangue?!

—

TERCEIRA SESSÃO

As imediações do palacio da justiça estavam tão concorridas como nos dias anteriores; parece que a questão fica perdendo o seu interesse. O aspéto da sala era, comtudo, o mesmo.

Os armeiros peritos

Foram chamados como peritos D. Joaquim Carrilo e D. Leoncio del Cano Carrilo; não compareceram por motivo de doença. Del Caño reconheceu o rewolver que lhe déram para examinar, e declarou que os tiros deviam ter sido feitos á queima-roupa.

As testemunhas

Foram inquiridas as testemunhas D. Manuel Serpa Oliveira, D. Mariano Miguel, D. Pedro Cremonesi, que disseram, pouco mais ou menos, o que as pessoas contaram quando o crime se cometeu.

A estas testemunhas seguiu-se o depoimento do secretario do bispo, D. Enrique Amoroz, que, quando começou a falar, foi interrompido pelo réu, que com gesto provocante e atrevido disse para a testemunha falar mais alto para o poder ouvir.

O presidente mandou que se chegasse mais para o pé da testemunha, e o réu, mechendo muito as mãos, intimou a testemunha a falar muito claro, dizendo que era surdo.

A testemunha referiu o que se passou na escada da catedral, quando acompanhava o bispo. Narrou os successos conhecidos. Perguntado qual o conceito que lhe merecia o réu, respondeu que lhe não constava que tivesse mau comportamento. Antes de praticado o assassinio, consta-lhe que Galeote, apesar de ter um genio violento, nunca déra provas de loucura; depois, ouvira dizer a algumas pessoas que ele estava louco. Continúa dizendo quaes eram as obrigações ecclesiasticas de Galeote, sendo varias vezes interrompido pelo réu, com observações e inconvenientes.

Quando o delegado perguntou se a testemunha tinha conhecimento das cartas que Galeote tinha escrito ao bispo, respondeu que conhecia alguns documentos e que os jornaes tinham publicado algumas das cartas que o mesmo sr. bispo lhe tinha entregado, dizendo mais que: «O prelado, em vista da insistencia de Galeote, e vendo que não convinha a sua assistencia na capela de la Saled, recomendou-me sempre que lhe procurasse outra colocação, que o compensasse do posto que antes tivera. E em nome do sr. bispo recomendei o ao cura de S. Marcos, ao de Camberi e ao padre Gabino, recomendações que tiveram eficacia, porque em S. Marcos esteve ele algum tempo.

N'este momento o réu pediu para falar, mas o presidente não consentiu.

Continúa o depoimento:

Testemunha. A ultima carta que Galeote escreveu ao sr. bispo, mandei-a ao sr. Gabino para que lhe arranjasse uma colocação.

Delegado. Recorda se dos termos das ultimas cartas dirigidas por Galeote ao bispo?

Testemunha. A ultima carta era muito ameaçadora.

A pedido do delegado foram lidas as duas ultimas cartas.

Galeote instou para que se lessem as cartas anteriores; mas o juiz ordenou lhe silencio.

O secretario do bispo continuou no depoimento.

O réu no fim estava extraordinariamente excitado.

Depois seguiram os depoimentos dos presbiteros D. Bernardo Sanchez Casanueva, D. Manuel Calderon Sanchez, D. José Ortiz e D. Enrique Perchisi, empregado da casa da moeda, que repetiram pouco mais ou menos as mesmas circumstancias já relatadas.

O padre Gabino, confessor do bispo, foi depois inquerido, e declarou, além do que as mais testemunhas tinham relatado com pequenas mudanças, que ouvira repetidas queixas ao réu sobre o seu estado precario; mas que, na sua presença, nunca se expressára de modo ameaçador contra o bispo.

O padre Bocos, o cura de S. Marcos, e D. Jaime Augusti, deão de Porto Rico, confirmaram o que disseram outras testemunhas, inferindo-se de todos estes depoimentos que o cura Galeote se considerára deshonrado e por isso desejára vingar-se.

O depoimento do padre Vizcaino foi dos mais interessantes.

Ao aparecer o reitor da capela de Cristo de la Salud, Galeote levantou-se subitamente.

A testemunha referiu que desde março de 1884, Galeote cumpriu com os seus deveres ecclesiasticos.

Em dezembro recebi uma carta de Galeote em que se mostrava estar muito enfadado comigo, dizendo-me que determinasse que outro sacerdote dissesse a missa que ele costumava dizer.

Desci á sacristia e encontrei-o vestido com os habitos sacerdotaes, e para evitar um escandalo deixei que ele fosse para o altar.

Terminada a missa fui pedir-lhe explicações á carta que me tinha dirigido e ele respondeu-me com modos bruscos e inconvenientes.

A 4 de janeiro tive de modificar as horas das missas e a das onze passou para as dez e meia, mas Galeote opoz se, e excitado extraordinariamente ao ver que se tirava um livro da contadoria, julgando que seria para lhe ajustar a sua conta, disse:

«Não tire v. o livro porque se tirar...»

Eu respondi que não temia senão a Deus.

No dia 18 de janeiro, reuniu a junta da capela, muitos dos seus membros tinham recebido cartas de Galeote queixando-se de mim.

A junta por unanimidade, resolveu que desde o dia seguinte se lhe não pagasse nenhum estipendio por missas sem assistencias. Não o impedi que celebrasse, porque isso era questão com o bispo.

No dia imediato fui procurado por Galeote, queixando-se de que a junta, em virtude de cartas que eu lhe dirigira, tinha resolvido não lhe pagar as missas.

Pediu-me muito que désse a ordem por escrito e eu neguei-me, dizendo que a congregação me não ordenára que o fizesse. Desceu á egreja e disse missa.

No dia seguinte mandou-me pedir os seus ordenados.

[illegible] junta me prohibisse de lh'os [illegible]-lhe apenas o correspondente [illegible] 17 missas.

Passados mezes, veiu ter comigo, contando-me o que havia ocorrido, e ameaçou-me para que eu influisse a que o co[illegible] porque não tenho a [illegible]

[illegible] o presbytero Ca[illegible] ha que reside em [illegible] ado como o de[illegible] depoimentos.

D. Transito Durdal

Quando D. Transito se apresentou, espalhou-se pela sala um prolongado rumor.

D. Transito Durdal nasceu em Marselha, provincia de Malaga; tem 33 annos de idade e é solteira. Veste rigoroso luto. Todos os olhares se dirigem para ela, e todos concordam que a sua fisionomia é simpatica.

O juiz. Tem relações de parentesco ou de amisade com o sr. delegado, ou com o reu?

D. Transito. Não tenho o gosto de conhecer o sr. delegado. Ao sr. Galeote, une-me a ele a amisade.

Delegado. Ha quanto tempo conhece o sr. Galeote?

D. Transito. Haverá seis anos e meio ou sete que o conheci em Malaga.

Delegado. Desde quando vive em Madrid?

D. Transito. Desde fevereiro.

Delegado. O sr. Galeote vivia na casa da senhora?

D. Transito. Sim, senhor.

Delegado. Em nome de quem estava o arrendamento?

D. Transito. Em meu nome.

Delegado. Em que qualidade vivia o sr. Galeote com a senhora?

D. Transito. Na qualidade de hospede. Pagava-me dez reales pela hospedagem, e não tinha mais nenhum hospede. Quando ele veiu a Madrid isso combinámos. Eu tinha desejos de ver Madrid, e não tive inconveniente em vir com uma pessoa conhecida. O sr. Galeote veiu antes de mim.

Delegado. Tinha perfeito conhecimento e vida que passava Galeote em sua casa e dos desgostos que teve com o padre Vizcaino?

D. Transito. Sim, senhor.

Delegado. Conte o que sabe.

D. Transito. Não seria melhor que me fizesse as perguntas?

Delegado. Que lhe [illegible] dizer d'essas coisas?

D. Transito. O que lhe ouvi dizer? Uma noite apresentou-se em casa o sacristão da Encarnação, para lhe perguntar se queria dizer uma missa de 14 reales na capela do Cristo da Saude. E lhe disse: «Como o senhor cumpriu bem na Encarnação...» —Galeote respondeu:— «Convém-me.» —Foi á capela, viu o rei[illegible] creio que combinaram em que diria a missa.

Delegado. Como sabe isso?

D. Transito. Perguntei-lh'o eu, porque como mulher todas são curiosas e nós perguntamos. (Hilariedade publica, o juiz chamou á ordem.)

Um dia—proseguindo—o sacristão esteve em casa, e como o sr. Galeote está surdo e a casa é pequena, sem querer ouvi tudo. O sacristão falou contra o padre Vizcaino. O sacristão disse-lhe: «O sr. não sabe com quem anda; acautele-se.» O sr. Galeote n'essa ocasião não fez caso do que ouvira. Julgou que eram coisas de rapazes.

Delegado. Vou ver se posso ajudar a sua memoria.

D. Transito. Agradeço.

Delegado. Quaes foram os motivos do seu resentimento para com o padre Vizcaino?

D. Transito. Com o que lhe disse o sacristão, resentiu. Começaram as intrigas, os mexericos e enredos; e, um dia, quando veiu para casa, perguntei-lhe o que se passava.

Delegado. Sabe porque o despediram?

D. Transito. Por isso que estava agora dizendo. Quando começaram os contos... Se me dá licença, sento-me.

Um dia veiu desgostoso porque julgou notar que na novena o sr. Vizcaino não o cumprimentára; porém, isso esqueceu-lhe. N'outro dia veiu mais desgostoso, e, falando muito alto, dizia que o padre Vizcaino não o atendia, e que lhe havia de pedir explicações.

Passados dias, veiu completamente desesperado, e creio que foi então que escreveu a primeira carta.

Delegado. N'esses momentos de exaltação era a senhora quem o tranquilisava?

D. Transito. A caridade me ordenava que o acalmasse,—e está claro que procurava fazel-o.

Delegado. O caráter violento e irascivel que ele tem é fortemente excitado quando o contrariam?

D. Transito. Quando o contrariam muito é uma coisa atroz; não como os outros homens, mas como uma coisa que nem sequer sei explicar. Houve mais d'uma ocasião em que o considerei louco. E julgo que nenhum homem poderá praticar certos átos sem que esteja louco.

Delegado. No sumario não declarou que o julgasse louco. Mudou de opinião?

D. Transito. Então não disse o que digo agora, com receio de o prejudicar.

Delegado. Não tinha medo d'ele, sabendo que estava louco?

D. Transito. Medo, sim senhor, porém, socegava-o dando-lhe o que ele desejava. (Estrepitosas gargalhadas. O juiz toca rijamente a campainha).

Delegado. Tinha criadas em sua casa?

D. Transito. Não, senhor.

Delegado. Escreveu alguma carta á familia do sr. Galeote para que ela escrevesse ao bispo?

D. Transito. Sim, senhor. Escrevi espontaneamente uma carta.

Delegado. Então muito interesse lhe inspirava o estado do sr. Galeote?

D. Transito. O mesmo interesse que teria inspirado ao senhor, porque, quando se vê um desgraçado, ha obrigação de auxiliar.

Um dia fui ter com o sr. bispo, e disse-me: «Eu nada posso fazer; nada. Coitado! Coitado!» E, para ver se ele o atendia, disse-lhe: «Senhor, ele não está louco, cada qual tem a sua maneira de zangar-se.» E disse-lhe isto a vêr se o bispo se compadecia.

Delegado. Mas disse lhe que estava louco?

D. Transito. Disse-o tres ou quatro vezes.

Delehado. Lembra-se se o sr. Galeote se levantou cedo no dia 18 d'abril?

D. Transito. Havia já alguns dias que ele não parava em casa, não dormia, falava pouco, batia em si, e chorava. Senti fechar a porta, ao que não prestei atenção, porque havia dez ou doze dias que ele não fazia outra coisa senão entrar e sair.

Delegado. Como soube da morte do bispo?

D. Transito. Estava á espera do sr. Galeote para almoçar. Seria meio dia para a meia hora, quando ouvi que da porta me chamavam. Julgava que era ele, e encontrei-me com um guarda, que me disse: «Venho da Prisão Modelo.»

— Da Prisão Modelo?

— Sim, senhora, da Prisão Modelo, da parte do sr. Galeote que faça favor de ir lá.

— O que aconteceu?

— Matou o bispo.

Se me dissesse que tinha tirado a vida ao sr. Vizcaino não me admirava; mas fiquei muito surpreendida quando soube que era o bispo que morrera.

Delegado. Quem conheceu primeiramente; o sr. Galeote ou a familia d'ele?

D. Transito. Sua familia.

Delegado. Combinou com D. Caetano vir a Madrid, ou foi para isso instigada por outras pessoas?

D. Transito. Foi sua irmã quem disse que viesse para Madrid. Eu não tenho familia; havia cinco mezes que me tinha falecido o unico parente que me restava. Ana Maria queria-me como se eu d'ela fôra irmã.

Delegado. Quem é Ana Maria?

D. Transito. A irmã do sr. Galeote, a que me aconselhou a que viesse para Madrid.

Delegado. Em que trabalhava a senhora?

D. Transito. Em roupa branca.

Delegado. E precisa trabalhar para viver?

D. Transito. Sim, senhor.

Delegado. Continua em relações com a familia do sr. Galeote?

D. Transito. Sim, senhor.

Algumas outras perguntas de menor importancia pozeram termo á sessão, que continuará no dia seguinte.

Galeote, antes de se levantar, pede a palavra, que não lhe é concedida, e diz imedatamente:

— Não me deixam falar? Pois não gosto nada d'isso.

Correio do Sul

Lisboa, 7 de outubro de 1886.

(D'outro nosso correspondente)

Como a gente se ilude quando facilmente crê! Pensava eu, cria-o mesmo e firmemente, que nós estavamos livres de nos poderem lançar em rosto fátos analogos aos que se noticiavam de Pariz, de Londres e de Madrid e permita-se-me dizel-o, sentia-me até orgulhoso por isso: vai senão quando surgem entre nós fátos muito similhantes no orror, que inspiram; fátos talvez ainda mais repugnantes, atentas certas e determinadas circumstancias. Por lá roubos, assassinos, e o diabo; por cá aqueles mesmos, e mais alguma coisa; vergonha é dizel-o e mais ainda o ser verdade: estupros em crianças de quatro a dez anos, crianças asfixiadas á nascença e, por ultimo, abortos provocados por mil modos e maneiras e aos centos; e a morte d'algumas d'essas mulheres, que os procuravam e ás operações se sujeitavam muito a seu contento. Ora vá lá a gente julgar por aparencias! E' certo que ninguem pode dizer: «d'esta agua não beberei.» E depois quem sabe o que mais haverá entre nós, e de que não temos noticia, nem a mais tenue sombra de desconfiança, porque quem mal não uza, mal não cuida? O que parece não ter duvida, é que a sociedade está mais que prevertida. Falta o temor de Deus, e onde o não ha, mal vai o negocio. Se nós estamos em tempo, que duas terças partes da gente mofa e ri-se da outra parte, que vai á missa! Depois d'isto o que admirar ha no que se está dando aqui, ali e acolá? Nada. São coisas da época em que vivemos, *em quanto viver nos deixarem.*

— Mudemos de conversa para que me não chamem jesuita, que não sou (menos isso). Nem fanatico, nem ateu: cristão sim, embora que me não vejam de braços abertos ou crusados, ou batendo nos peitos e olhos em alvo, nem beijar o chão, como ha pouco vi fazer a uma preta, que ajoelhando n'uma rua publica e batendo nos peitos, se curvou até beijar a terra, ficando com os *beicinhos* cheios de poeira; levantando-se em seguida a cantarolar, dançar e rir. Se ela estava mais bebada de que a agoardente ou vinho que bebera! Coitada, não fazia mal senão para si, dando-se em espétaculo, ainda que vergonhoso, e provocando a gargalhada a quem a via. Peior e muito peior, e mais, fazem algumas brancas, que chegam a meter asco, tedio e nojo nos palavrões, de que se servem, e na ascorosidade das áções, que praticam. Em quanto a preta fez rir umas 100 ou 200 pessoas, que a viram em *scena*, estas (as brancas) fazem córar de peijo milhares d'elas, que testemunhem as indecencias que cometem, fazendo gala do sambenito. Daria um exemplo de fresca data, mas... a decencia não o permite, e a pena recusar-se-ia a escrevel-o.

— Por uma das ruas mais frequentadas do publico e batidas dos americanos e dos riperts, e até dos *carros florindos* etc. seguia, n'um d'estes ultimos dias, uma carroça tirada por um cavalo preto; na taboa ia assentado um brutamontes de chapéo de largas abas, jaquetão preto e calça escura: o cavalo saltava, pulava, recuava, avançava, dando a demonstrar que não sabia o que queriam d'ele: levava as cambas do freio encostadas aos peitos, e o pescoço arqueado, cedendo á pressão das redeas, que o brutamontes entezava, firmando-se nos pés de encontro á táboa da carroça e curvando-se para a rétaguarda quasi até se deitar de costas, ao mesmo tempo que fustigava desalmadamente o misero animal. Os transeuntes fugiam do centro da rua, e encostavam-se ás paredes, parando todos, pode dizer-se formando alas, admirando e pasmando, em presença de tamanha brutalidade, ao mesmo tempo que lamentavam, que não aparecesse um policia, que pozesse cobro á selvageria do brutamontes e ao martirio do pobre cavalo. Os policias não podem estar em toda a parte; mas a pouco tardar apareceu um, e apoz este outro e outro, que fizeram pôr pé em terra ao desalmado tirano, que depois seguiu, levando o animalejo á mão. Toda a gente louvou o procedimento dos policias, lamentando apenas o não terem tirado dos varaes o cavalo, e substituindo-o pelo brutamontes, que deveria ser substituido na táboa pelo cavalo, que, decerto, não fazia o que tal brutamontes ia fazendo, julgando talvez que sobre ele cairiam aplausos. Que selvagem! E' muito provavel que fosse muito e muito bebedo; mas, se ia, tem muito máu vinho, o odre!

— Passaram ha pouco por mim dois sargentos: um de cavalaria 9, outro do 10; e devo dizer em abono da verdade, que qualquer d'eles ia muito asseiado; limpos, e os botins muito engraixados (não levavam os *cortiços*): andavam passeiando. Nem um nem outro desacreditam os corpos a que pertencem; bem pelo contrario, declaro que gostei de os ver, e direi (mas em segredo, para não ferir suscétibilidades), que os seus fardamentos se não estão mais bem feitos do que os do 2 e 4, tambem não estão menos, apesar de não serem manipulados na Calçada d'Ajuda. O que disse d'aqueles direi dos de algumas praças, que já antes tinha visto de lanceiros n.º 1 e cavalaria 5, que vieram a Lisboa. Será das tesouras? E' provavel. Desculpem-me dizer, que tenho visto alguns oficiaes, cujos fardamentos estão muito mais mal feitos, do que outros das praças de pret.

Ora depois d'isto devo dizer (mas que não passe d'aqui, porque é segredo): é feio e muito feio, que um paisano se dê em espétaculo por causa dos *celitros;* mas que um soldado beba a cair, é muito mais feio; e trazendo á cinta a *durindana*, é muito mais feio ainda; e no entanto, ainda não são passadas muitas oras, que vi um que, se ia em pé, é porque em cada braço lhe pegava um paisano, ou, talvez, impedidos de oficiaes, que o levavam em pezo, não podendo ele quasi mover as pernas. Não será costume e ábito; mas que n'aquele momento ia muito chegadinho á *razão*, não ha duvida nenhuma, e aquilo produziu um pessimo efeito. Em fim, uma vez não são vezes, e por isso terá desculpa.

— A nossa imprensa, com muito rarissimas exceções, nem sempre guarda conveniencias, relatando crimes. Aos mais leves indicios apresenta em praça publica as pessoas, e diz-lhes logo os nomes, principalmente se não teem a fortuna de ter criado de libré, nem borzeguim dourado, ou mesmo ser Marialva (com estes é de ordinario mais cautelosa, ainda mesmo sendo evidente a criminalidade; chegando tambem ás vezes a policia, se os apanha em flagrante, a dizer-lhes, como eu, ainda não são passadas muitas semanas, ouvi: *ó menino que nos compromete!*), lançando assim uma nodoa em pessoas, que mais tarde se apura estarem inocentes; mas o mais comico de tudo isto, é que os jornaes, todos á porfia, condenam o procedimento *dos colegas*, querendo-se apresentar, eles, uma exceção no apontar das pessoas e dos nomes, quando não é raro terem, estes mesmos, sido os que déram o *alamiré*. Ora, cebo!

— Está sendo mais que comica a campanha, em que se envolveram alguns jornaes a respeito da guarda fiscal. E' curioso ver como alguns atacam hoje a ponta de baioneta aquilo mesmo, que ontem defendiam, formando-lhe quadrado e estacada; e curioso é ver como outros defendem á ponta da lança da espada o que ontem batiam á boca de canhão em terra e mar. Coerencia e sinceridade, para onde fugiste!?...

— *Uma correspondencia e um comunicado*, com data de 26 de setembro, publicados no mesmo n.º de um jornal do Porto de 30, voltam á carga com a dissolução de lanceiros da rainha. Aquela atira-se diretamente ao coronel, que então comandava o regimento, dando-o como provocador da insubordinação; e este, o comunicado, entende-se, não o poupa. Ora quando muitas opiniões tendem ao mesmo fim, parece aver n'elas um tanto ou quanto de aceitavel. No entanto o coronel, que então era, se nunca mais comandou corpo, certamente por se aver evidenciado, que não era esse o seu forte, já oje (em consequencia d'um exame) é general, e tem comissão, embora a não esteja exercendo, porque sendo na provincia anda passeiando, ou está agachado em Lisboa; e tão agachado, que ainda não são passadas muitas semanas, foi um coronel comandar a brigada de cavalaria, e ele ficou em caza, e ficou bem. Ficou bem, quero dizer, não se incomodou, como incomodaria tirando-se do seu feliz descanço para ir comandar. O fáto da dissolução determinou-se, praticou-se; o regimento foi dissolvido: organisou-se outro, com aguas passadas não moem moinhos.

Borges.

Sciencias

A LAVAGEM DO VASILHAME PARA VINHOS

N'uma publicação de alguns anos, destinada a indicar os meios de reconhecer as falsificações do vinho com a fuchsina e os perigos a que o uso de bebidas assim adulteradas expunha a saude publica, Riter, conhecido e reputado professor de Nancy, dizia a respeito do uso de pipas e vasilhas mal lavadas o seguinte:

«Seja-me permitido insistir n'um ultimo ponto: a fuchsinagem dos vinhos naturaes pelo emprego de vasilhas mal lavadas.

«A falsificação dos vinhos pela fuchsina praticou-se em mui larga escala; a fuchsina, como vimos, deposita-se com grande rapidez e adhere ás paredes dos toneis com grande energia; resiste ás lavagens com agua, ao escaldamento com as borras, e até ao tratamento pelo acido sulfurico, tal como se pratica.

«Tenho conhecimento do seguinte facto. Chegou a Nancy um vinho muito generoso que foi analysado e declarado isento de fuchsina. O vinho foi repartido por diferentes barris, um dos quaes tinha tido vinhos falsificados; tres mezes depois, o vinho contido n'este barril foi analysado outra vez e continha fuchsina em bastante quantidade; não tinha havido erro na primeira analyse, porque o vinho contido nos outros barris, examinado de novo, era puro.

«São principalmente os vinhos muito alcoolicos que maior quantidade de fuchsina devem tirar dos barris. A que desgostos está exposto o mais honrado negociante que não tenha a certeza de que os seus toneis estão limpos!

«Esta questão tem atualmente em Nancy um interesse vital. E' raro que para aqui sejam remetidos vinhos fuchsinados, mas é frequente haver remessas de vinhos contendo vestigios de fuchsina, em pequenissima quantidade é certo, mas suficiente para serem recusados pelos negociantes. Os negociantes do sul afirmam que não enviaram vinhos fuchsinados, e muitas vezes posso asseveral-o, téem razão; mas os barris mal lavados introduziram-lhes a materia colorante. E' facil prever a quantas questões judiciarias dá logar esta contestação.

. . . .

«Do que fica exposto, se deduz a necessidade de proceder á lavagem de todos os toneis empregados na ocasião, porque póde ter cessado o emprego da fuchsina e no entretanto encontrarem se durante muitos anos vestigios d'essa materia colorante».

Estas considerações teem aplicação aos novos colorantes de cujo estudo apresentamos n'esta revista o relatorio, e aos que lhe são analogos, que, como dissemos, téem sido muito usados na França, Hespanha e Italia.

E', portanto, de maxima vantagem que todos os exportadores de nossos vinhos para França, em antes de usarem do vasilhame de lá remetido, procedam cuidadosamente á sua lavagem.

D'outro modo podem aparecer como fuchsinados ou falsificados vinhos genuinos.

O caso parece ter-se dado já com vinhos pertencentes a um dos nossos mais acreditados lavradores do sul, e cujo bom nome e probidade estão acima de toda a suspeita. O sr. Visconde de Vilar d'Alen apresentou esta hypotese para explicar do facto; as linhas precedentes servem para mostrar quanto tal suposição póde ser justificada.

O que acabamos de dizer é um simples aviso a todos que téem os seus interesses ligados ao comercio dos vinhos.

A. J. FERREIRA DA SILVA.

Arabescos e Miniaturas

O SABIO CRISPINIANO

Haverá quatro para cinco anos vivia ainda o sabio Crispiniano Martins, sujeito de grandes originalidades e facundia.

Misantropo, erudito e acerrimo apologista do rapé, o ilustre Crispiniano adorava por egual os processos politicos do sr. D. Miguel de Bragança e as teorias literarias da falecida arcadia ulysiponense, que Deus tenha em sua santa gloria.

E como quer que o Martins fosse profundamente versado nas letras da antiguidade classica, em cujas lições afervorára a ingenita paixão patriotica, citava a miudo com entusiastica ufania os nomes gloriosos de João Pinto Ribeiro e D. Filipa de Vilhena a proposito de Curcio e de Scevola.

Crispiniano era um antigo na aceção honrada da palavra.

De suas origens pouco se sabe. Andava a estudar para padre, recreiando-se, pelo intervalo das lições, nas leituras apimentadas de José Agostinho de Macedo, quando foi surprehendido em meio da sua carreira literaria pelas perturbações politicas, que sacudiram o reino e abalaram o trono no periodo que vae de 1828 a 1834. Quando o atrevido malhado, que se chamou Joaquim Antonio de Aguiar, acabava de expulsar os frades dos dominios da corôa portugueza, o admirador do bispo Lobo, perdidas as esperanças da engorda conventual, deu novo rumo á sua vida, deliberando prudentemente aproveitar os beneficios da liberdade que detestava. Habilitou-se então para mestre regio de latim e conseguiu de Passos Manuel, o fogoso ditador de 1836, o despacho vitalicio para uma das muitas cadeiras, que por esses tempos andavam dispersas pelas vilas do reino.

Duzentos mil réis de ordenado por seis horas de trabalho diario a dessorar o cerebro sertanejo de creanças refratarias á metafisica da arte dios[illegible]eira e ao realismo da ferula clasiboa[illegible] não constituiam uma independencia [illegible] tirar o ventre de miserias, bastavam comtudo, para as despezas do rapé.

N'essa epoca mal se comprehendia um pedagogo sem lenço vermelho entalado no sovaco, bengalão á liretorio, farta pitada nos dedos engatilhados e caixa circular de tartaruga na outra mão.

O lavor e o tamanho da caixa davam a medida da respeitabilidade pessoal de quem a usava.

Ao cabo de trinta e cinco anos de serviço inglorio colaborado a murro seco e a palmatoria sibilante Crispiniano Martins, vendo-se pobre, cançado e tolhido de reumatismo agudo, [illegible] finda a tarefa de descascar, a [illegible] de ferula, mãos encardidas de analfabetos, pediu a jubilação e fechou a escola.

Da cadeira que fôra o seu trono de rei absoluto e tambem o seu potro de condenado passou para o leito, que ia servir lhe de eculeo nos trances de mal humorada decrepitude.

Só uma vez tentou alevantar-se; foi quando um visinho imprudente lhe deu a ler a gazeta na qual se escrevera insidiosamente, que Portugal ia ser vendido á Hespanha pelo gabinete, que na ocasião estava á frente dos negocios.

Tomando a noticia por verdadeira, o jubilado fez um esforço supremo para se desenvencilhar dos lençoes, travou do bengalão, que jazia á cabeceira, ao lado do bote de rapé e do lenço vermelho, e invocou, solene e comico, em brados aflitívos o nome saudoso do seu querido rei exilado, cujo retrato em velha litografia defumada ostentava n'um dos panos da parede, as suas espessas barbas alvejantes.

*

O colecionador d'estes apontamentos nunca teve o desprazer de sentir nas palmas o estalido do absoleto instrumento de que usava e abusava o mestre para gravar na memoria rebelde dos discipulos os casos intrincados da sintaxe do padre Manuel Alvares; mas conheceu de perto o latinista, a quem foi apresentado obsequiosamente pelo venerando e bondoso prior da freguezia, que era o mais caloroso apologista das virtude e talentos do professor.

— Aqui lhe trago hoje mais um admirador de Virgilio... e tambem de Voltaire.

A' palavra Voltaire, sublinhada pelo meu apresentante, o velho leão, terror da mocidade, ergueu para mim o busto, firmando o cotovelo no travesseiro, envolveu-me n'um olhar de compaixão e de tedio, percorrendo-me com a vista desde a cabeça aos pés, e comparando talvez o córte simples do meu frak e a linha despretenciosa das minhas calças com a passada elegancia da casaca direita e do lustroso calção de seda do seu adoravel Tolentino, descaiu lentamente sobre o travesseiro com o sorriso triste dos desenganados. Depois, estendendo-me cortezmente a mão ossea e esburgada, indicou-me a cadeira mais proxima.

— Com que então, o senhor admira Virgilio e não desdenha Voltaire! Melhor fôra que se ficasse na admiração do primeiro, que pelo que toca ao segundo temos por cá muito melhor onde repousar os olhos. Basta ler os arcades, desde o Garção ao Bingre. Mas que querem? hoje em dia quem não sabe francez e não lê Voltaire, não é gente...

Crispiniano avincando o pergaminho da cara de um glauco lacustre, imprimia ás palavras sarcasticas o tom lugubre do seu profundo desprezo pela França.

O prior em pé ao lado do mestre aprovava com a cabeça.

— Desde que a lingua da egreja, a lingua da sciencia e da gente culta, foi substituida n'este paiz de pedreiros-livres pelas chocarrices de Voltaire, já não ha mais que francelhos e peraltas apostados em escurecer a gloria dos Lucenas e dos Vieiras, como se não tiveramos na propria casa gigantes para opôr aos Hugos e aos Michelets.

Que os senhores falam por ahi muito n'esses nomes com que enchem a bôca, e talvez ignorem que Victor Hugo foi um realista convicto antes de ser um republicano das duzias, e que o Michelet dos passarinhos... Oh! o Michelet—não lhe desmanchemos a lenda—é um escritor universal, mais erudito que o Moisés do Pentateuco, superior ao Christo e ao Socrates, que nunca escreveram uma pagina, maior que Mafoma, que mal teve traços para iludir alguns arabes, culminação gloriosa que irradia feixes de luz sobre a humanidade ás escuras. Creio ser assim que se diz. Bastou-lhe a ele para a apoteose o ter escrito a *Biblia da humanidade*, esse catecismo da ideia nova, que desbancou Bossuet, meteu n'um chinelo a Vulgata de S. Jeronimo, eclipsou o Koran, e deixou a perder de vista as creações maravilhosas da culta Grecia e da esclarecida Roma.

Esdras—proseguiu Martins com ironia—reorganisou o culto jodaico e revolucionou a linguagem primitiva dos judeus, como toda a gente sabe; mas o sabio francez, esse operou prodigios mais deslumbrantes, porque introduziu nos costumes religiosos o culto do Nirvana e a adoração do mytho! Póde limpar a mão á parede. Mas que digo?

Michelet representa para os senhores o Homero dos tempos modernos, e d'um polo a outro vae cantando lôas encostado ás tres conhecidas muletas—symbolos, alegorias e mythos, aqueles intrincados mythos, que tanto custaram a definir a Semler, aos eruditos Ernesti, Baner, Vegscheider, Vilch e Strauss.

E todavia o vosso Michelet não passa d'um propinador de veneno! Detesto-o..

Perante a força de taes argumentos a minha literatice franceza não tinha nada que responder. E como eu não tinha ido ali para discutir, limitei-me a observar em silencio as emoções, que o discurso do oraculo haviam produzido na cara do prior.

O prior estava agora espapado e boquiaberto aos pés da cama do sabio, pernas encruzadas sob as nadegas, na posição comica d'um mandarim farto de arroz, a babar-se de tanta sciencia, parecendo dizer-me no seu perene e beatifico sorriso admirativo:

— Não lhe dizia eu que o Martins era um genio?

Mas Crispiniano ao cabo da longa e violenta apostrofe em desabono do autor do *Peuple*, ficára visivelmente prostrado.

Tomou então entre os dedos uma copiosa pitada, sorveu-a d'uma só aspiração e deixou resvalar docemente a cabeça veneranda na almofada, que o prior lhe foi ageitar com paternal carinho, limpando-lhe os cabelos, como se fôra uma creança.

O genio repousava do violento esforço.

Durante o repouso do mestre, cujas alvas cãs intensas semelhavam um tufo de musgo, e cuja fisionomia macerada infundia religioso respeito, acendi o meu charuto. e fui percorrendo com a vista a carunchosa estante, que se aprumava na parede em frente do retrato do sr. D. Miguel de Bragança.

Os raios vergavam ao peso dos classicos gregos e latinos perfilados em longos esquadrões ao lado das obras de moral e de massos de gazetas encimados de papeluchos de mostarda e pacotes de rapé. Eram papeis e livros velhos, que denunciavam as prediléções do mestre; mas percebia-se pelos registos de papel e fitinhas de seda desbotada entaladas nos textos, que taes obras tinham sido muitas vezes folheadas por Crispiniano. Estava ali o arsenal do batalhador; com aquelas armas ganhára os loiros que lhe verdejavam na fronte e o alto conceito que d'ele fazia o sr. prior, o unico Aristarcho da freguezia.

Emquanto que eu passava revista ás lombadas da suculenta livraria de Martins, e os ultimos raios do sol de agosto atravessavam os vidros empoados, entrava no aposento com discretas precauções de enfermeira, uma velhita de cara redonda e esbranquiçada, com um pires de marmelada n'uma das mãos e uma gazeta na outra. Era D. Violante, a irmã do prior. Vinha saber do doente e trazer-lhe a *Nação*.

Mas o venerando presentiu-a, como se já a esperasse, e, travando do jornal sem se importar com a marmelada, correu-o rapidamente com os olhos.

Ao voltar a folha, a vista parou em certo ponto e uma grossa lagrima borbulhou de improviso nos olhos do sabio.

— Que é? que tem o sr. Crispiniano? —acudiu aflita a sr.ª D. Violante, arrancando lhe das mãos o papel. O prior correu tambem para a cabeceira do catre.

Então o mestre, sempre sentencioso como os antigos oraculos, alçou um pouco a voz trémula e disse:

— Estava escrito. Não é nada e tudo é. A saude do sr. D. Miguel peiorou e o conde da Redinha vae partir para Bronbach.

E acontece esta grande desgraça no momento em que o governo de Portugal —essa corja de liberalastas sem vergonha nem patriotismo —vae entregar o reino á Hespanha!...

E tomando por tema o patriotismo, o velho pedagogo percorreu a traços largos, mas firmes, a historia dos hebreus, dos gregos e dos romanos, demonstrando com exemplos de dedicação civica, respigados nas vastas cearas da historia, assim nacional como estranha, quanto é belo e sublime o morrer pela patria.

Quando o mestre se calou, D. Violante chorava enternecida, e o prior repetia-me ao ouvido: — Que genio! que genio!

*

Ao cair da noite saimos do quarto de Martins, eu, o prior e D. Violante.

Conversando dirigimo-nos ao presbyterio, que n'um ponto elevado a cavaleiro da povoação erguia em meio das acacias verdejantes a sua flecha em cruz doirada pelo sol.

Chegados ali, o prior estacou á entrada da porta e fazendo parar a irmã perguntou-me á queima roupa:

— Que lhe pareceu o bicho?

E como eu hesitasse na resposta, D. Violante respondeu por mim, asseverando que n'aquelas doze leguas em redondo não havia cabeça como aquela...

— Não imagina—tornou o prior—aquilo é poço sem fundo. Se não faz a asneira de abandonar a carreira eclesiastica, estava agora bispo sem ninguem lhe valer. Se tem ido para a universidade, era homemzinho para se medir com uma duzia de doutores; velho como está, venha ahi o mais pintado, que em pontos de latim e de historia ninguem deita a barra mais longe. Os discipulos que deu saiam-se no exame como papagaios.

E isto no tempo em que o latim era estudo a valer.

— Mas que mania foi essa de vir sepultar-se na aldeia um gigante de taes dimensões?—interroguei.

— Caprichos, celebreiras dos homens grandes—fez o prior encolhendo os hombros. Quando eu vim paroquiar a freguezia, já o encontrei na escola. Sempre sem familia, como hoje. Algum dia morre para ahi ignorado como os cães. O que lhe vale sou eu, que passo o meu tempo a ouvil-o, e quando adrega de por ahi passar alguma pessoa instruida, me encarrego de lh'a levar para lhe desenferrujar a lingua. E' um desgraçado...

Nas ultimas palavras do sacerdote havia agora uma vibração dolorosa e comovida.

Já me disse—inquiri de novo—que o seu amigo não tem familia, e sempre se conservara celiberatario. Isto, porém, não exclue qualquer afeição ou tendencia amorosa...

— Comprehendo—replicou o prior—Amores são para os moços e felizes. Amores, ele! não falemos n'isso, meu amigo. Os seus amores foram os rapazes, os livros e o rapé. Não é assim, Violante?

A esta pergunta a velhita de cara redonda e esbranquiçada purpureou-se de subito e deixou cair na soleira da porta o pires da marmelada...

A noite ia desdobrando lentamente o seu veu de nebrinas pardacentas pelas quebradas; os fios loiros do sol ponente desprendiam-se das franças das acacias, que imergiam na sombra crepuscular ao tempo que o bondoso prior apertava as minhas nas suas mãos flacidas e polpudas, murmurando ainda—Que genio! que genio!

Ao despedir-me de D. Violante, o meu espirito enlaçava no mesmo pensamento a imagem da irmã do prior com a do velho pedagogo, e a mim mesmo perguntava os secretos motivos d'esse hipotetico enlace.

O caso é que n'aquela aldeia ignorada alı me ficava para ser restituida á terra um magnifico exemplar do dia de hontem, grande na sua rudez, respeitavel na sua fé de miguelista e magestoso no seu ocaso, porque foi precisamente d'esse ocaso que resaltaram, como d'um brazeiro, as primeiras faulhas, que illuminaram o dia de hoje,

Mezes depois expirava o tabaquista, pelo qual ainda choram os estancos da aldeia e não deixam de correr as lagrimas de D. Violante.

Noticiando-me o trespasse de Crispiniano, o velho prior pedia para ele um necrologio condigno dos talentos do oraculo, cuja sciencia facil os invejosos estavam atribuindo ao Dicionario de Bouillet.

«Mas é falso—acrescentava a carta. Martins era poço sem fundo nas letras sagradas e profanas! Era o nosso Pico de Mirandela. Quanto a particulares, repito que não conheceu pae nem mãe; suspeito, porém, que fosse filho de frade. A proposito sempre lhe quero dizer que, folheando melhor os arquivos domesticos, vim a concluir, que o nosso Crispiniano não era tão celibatario, que não se finasse pela marmelada de minha irmã Violante... o que não me espanta, visto que o supondo filho de frade, Deus me perdôe.»

Esta modesta suspeita de pessoa tão circunspeta, como é o sr. prior, deve terse na conta de declaração oficial.

JOSÉ SIMÕES DIAS.

Parte Oficial

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 4

Concessão de diferentes mercês honorificas.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Diario de 5

Mapa do estado do recrutamento das forças de terra e mar, referido a dezembro de 1885.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Diario de 6

Boletim de sanidade maritima declarando inficionados do colera-morbus, desde o dia 11 de setembro ultimo, os portos do Danubio.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Telegrafia

Bordeaux, 4.—O sr. de Freicinet, no discurso que proferiu aqui hontem á noite, pediu aos ouvintes que sigam o governo pelo caminho do progresso, liberdade e reforma; e pediu tambem a união de todos os republicanos.

Sofia, 4.—O agente diplomatico russo, general Kaulbars, informou o governo da regencia que a sua nota de hontem não é bastante clara, e portanto que deseja receber hoje uma resposta mais explicita ácerca das eleições e dos oficiaes prezos. O gabinete bulgaro está atualmente discutindo os termos d'essa resposta.

Londres, 4.—Cerca de mil pessoas fizeram hontem uma demonstração em Trafalgar-square a favor da instrução popular gratuita.

No sabado, pela noite, voltaram a repetir-se disturbios em Belfast (Irlanda).

Em S. Petersbourg corre com insistencia o boato de se haver descoberto uma tentativa de descarrilamento para o comboio imperial, tendo sido presos cinco nihilistas disfarçados em camponezes.

Bucharest, 4.—Consta que o general Kaulbars assistindo hoje a um comicio popular em Sofia, foi insultado pela populaça, e que um outro russo foi mal tratado. Supõe-se que o consulado da Russia exigirá do governo bulgaro, reparação por estes fátos.

Sofia, 4.—Hoje, em um comicio popular que se realisou aqui, foi espancado um russo por ter gritado: «Abaixo a Bulgaria.» O general Kaulbars acudiu imediatamente e falou á multidão, expondo a vontade da Russia de serem adiadas as eleições da grande assembleia, e postos em liberdade os oficiaes encarcerados. A multidão protestou, gritando, querer as eleições dentro de oito dias e o castigo para os oficiaes presos. O general Kaulbars replicou, dizendo que a responsabilidade recairá sobre quem impele a população bulgara para esse caminho.

Madrid, 6.—O marechal Jovelar, tendo votado em conselho de gabinete contra o indulto dos condenados á morte pelos conselhos de guerra de Madrid, deu a sua demissão de ministro da guerra.

Assevera-se que será substituido pelo general Castilo, que nunca tomou parte em nenhum pronunciamento.

Corre o boato de se ter tambem demitido de ministro da marinha o vice-almirante.

Londres, 6.—Parece que a regencia bulgara está disposta a adiar as eleições para a grande assembleia.

Foram já soltos alguns dos oficiaes implicados na conspiração contra o principe Alexandre de Batenberg.

E' pois provavel que diminúa a tensão nas relações da Bulgaria com a Russia.

Madrid, 6.—Chegou a Bordeus o sr. Emilio Castelar.

New-York, 6.—Em uma reunião que teve logar n'esta cidade, a «Liga Irlandeza pronunciou-se contra a remessa de socorros aos rendeiros irlandezes expulsos das terras pelos senhorios, para que levados pela penuria recorram aos meios violentos.

Deu a sua demissão coletiva o gabinete peruano.

Paris, 6.—Rebentaram graves desordens em Vierzon, por causa da reabertura das oficinas da «Sociedade Franceza.» A multidão amotinada por alguns operarios tentou opôr-se a que proseguissem os trabalhos. Interveio a gendarmeria, que prendeu uns doze turbulentos.

Madrid, 5.—Diz-se que o conselho de ministros por unanimidade deliberára não aconselhar o indulto que a rainha com insistencia manifestára querer conceder. Razões supremas, cuja gravidade sómente o governo podia apreciar, o obrigarão a contrariar a vontade da rainha.

Madrid, 5.—Os republicanos espalham com insistencia que a rainha exige as execuções, o que é contrariado do modo mais explicito nas regiões oficiaes, onde se assegura que a rainha, ao saber

pelo presidente do conselho qual era a resolução do gabinete, reclamára nos termos mais energicos e comovedores o perdão dos sublevados.

S. Petersburgo, 6. — Os jornaes d'esta cidade publicam um telegrama de Guirgevo, anunciando que a guarnição de Chumla aderiu ao programa do general Kaulbars, e que parece certa a adesão ao mesmo programa das guarnições de Rustchuk, Widin, Plewna e Slivno.

Os comandantes dos tres regimentos de Chumla enviaram ao governo de Sofia um telegrama categorico, insistindo na absoluta necessidade de evitar um rompimento entre as duas nações irmãs, e declarando que no caso contrario reservam completa liberdade de ação.

Paris, 6.—O Instituto de França votou agradecimentos ao duque de Aumale, pela sua doação do palacio de Chantilí.

Madrid, 6.—O jornal *El Correo* diz que a crise ministerial será laboriosa, e espera que o sr. Sagasta seja o encarregado de reconstituir o gabinete, sem todavia nada asseverar a tal respeito.

O presidente da Audiencia que está julgando o processo de Galeote, assassino dos bispo de Madrid, opoz-se a que o réo lesse as cartas por ele dirigidas ao nuncio e ao Papa. O acusado enfureceu-se e ameaçou o tribunal, sendo os ofieiaes de justiça obrigados a segural-o.

O presidente levantou a sessão. O réu, passado o acesso de furia, desatou a chorar. O publico retirou-se da sala, dizendo: «Está doido». Ficaram encerrados os debates. A decisão do tribunal será publicada no proximo sabado.

Madrid, 5 — (Recebido em Lisboa no dia 7, ás 6 h. e 30 m. da tarde.)—O conselho de ministros, depois de longa deliberação, decidiu, conforme os desejos da rainha regente, conceder o perdão a todos os condenados á morte pelos conselhos de guerra de Madrid.

Varios deputados republicanos estão decididos a ir pessoalmente ao paço agradecer á rainha-regente.

O entusiasmo pela regente é geral.

Madrid, 7.—Está assinado o decreto da comutação da pena de morte aos militares sublevados.

São cinco os ministros demissionarios, e é provavel que lhe seja aceite a demissão.

O jornal *El Dia* diz que, tendo o general Castilo recusado a pasta da guerra, é provavel a nomeação do general Blanco, isto no caso de ser incumbido o sr. Sagasta de reconstituir o gabinete. Deu tambem a sua demissão o sub-secretario da presidencia do conselho.

O jornal *La Correspondencia de España* assevera á ultima hora que o sr. Sagasta apresentará á rainha regente a demissão de todos os ministros, para que sua magestade possa proceder com inteira liberdade; mas em todo o caso o referido jornal tem a convição de que a crise ministerial será muito laboriosa.

Madrid, 8.—O sr. Sagasta apresentou a demissão de todo o ministerio.

A rainha regente pediu ao sr. Sagasta que voltasse hoje ao paço para receber as suas ordens.

Por emquanto não o encarregou de formar novo gabinete.

Anunciam-se numerosas demissões no alto pessoal administrativo.

Carta de Lisboa

Lisboa, 8 de outubro de 1886.

Foi aqui recebida com muito prazer a certeza do perdão dos comprometidos da noite de 19 em Madrid. Pode bem dizer-se que a rainha de Hespanha recebe hoje com inteiro jubilo as bençãos geraes de toda a humanidade, e é hoje uma das pessoas reaes com mais simpatias na Europa. Felizmente para todos inaugurou-se em Hespanha o reinado da civilisação que tão distante parecia estar d'ali.

— O sr. Antonio José Duarte Nazareth, certamente um dos carateres mais nobres d'este paiz, deu ante-ontem uma queda, que o ia prejudicando muito. Felizmente s. ex.ª está quasi restabelecido já, e esta certeza deve ser de muito prazer para todos os que respeitam tão nobre caráter. De mais será dizer que El-rei vizitou em pessoa o honrado administrador da sua casa.

— Está definitivamente contratado um casamento que vae reunir uma fortuna colossal como não ha no paiz, e que se pode medir com as maiores lá de fóra. E' o da sr.ª marqueza do Faial com o filho dos condes da Praia e Monforte. A marqueza do Faial é a herdeira unica da casa Palmela, considerada a segunda riqueza do paiz. A primeira é . . . dos condes da Praia e Monforte, a d'aqueles a quem se vai unir, e que tem por unicos herdeiros o noivo e um outro irmão, apenas! Calcula-se que este par virá a ter uma renda anual superior a 700 contos.

— Foram transferidos mutuamente os delegados de Santa Combadão e Moura, os srs. Pinto da Mota e Bizarro Melo Sampaio.

— Foram transferidos os escrivães e tabeliães de Arganil, o sr. Antonio Simões, para a Certã; o da Certã, o sr. Cardoso Bastos, para Arganil; o de Miranda do Douro, o sr. Serpa Quaresma, para a 3.ª vara do Porto; o da Golegã, o sr. Constantino Trindade, para Santa Comba; o do Funchal, o sr. Evaristo Rocha, para a Golegã; o de Torres Novas, o sr. Lucas Santos, para o Funchal; o de Fronteira, o sr. Vieira Bual, para Torres Novas; o de Benavente, o sr. Placido Oliveira, para a Fronteira; o de Mertola, o sr. Almeida Veiga, para Benavente; o de Vila Pouca de Aguiar, o sr. Pereira Magro, para Vinhaes; o de Ponta Delgada, o sr. Abilio Almeida, para Vila Pouca de Aguiar; o de Taboa, o sr. Rebelo Pinho Ferreira, para Ponta Delgada.

— Foram nomeados escrivães e tabeliães: de Miranda do Douro, o sr. José Casimiro Costa Quintela; da 3.ª vara do Porto, o sr. Augusto dos Santos Fernandes Vaz, no impedimento do sr. Moura Coutinho; de Mertola, o sr. Francisco Marques Lamartine; de Taboa, o sr. Herminio Augusto Pimenta; de Tondela, o sr. Cesar Augusto Belo, no impedimento do sr. Bento Rodrigues Melo; de Vila Real, o sr. Manuel Maria Ferreira de Abreu.

— Ao concurso dos lugares das alfandegas foram admitidos: para 1.º oficial, o sr. João Candido de Almeida; para 2.º os srs. Abel Candido do Cruzeiro Seixas, Antonio Mimoso Faisca, Arnaldo Garção, Casimiro Soares, Francisco Alves Junior, Francisco Malheiro Peixoto, João Gamboa Minas, José Frederico Teixeira Rebelo, José Isidoro Pereira do Vale, Manuel Pedro Nunes da Silva e Virgilio Ayres.

— Foi nomeado comandante da barca *Cabinda* o 1.º tenente sr. Azevedo.

— O major sr. Antonio Maria Silvano foi nomeado 1.º comandante do 1.º batalhão do regimento de Macau.

— Foi para o Algarve, a fim de proceder a pesquizas submarinas de alguns navios afundados n'aquela costa, o sr. Rafael José Rodrigues.

— Foi aposentado, pelo requerer, o sr. João Antonio Dias, oficial da repartição de contabilidade publica.

— Requereu a sua aposentação o sr. José Matilde Cunha, oficial do ministerio da marinha.

— Foi ordenado que, nos seminarios diocesanos, façam exames, na ultima quinzena do atual mez, os alunos que ficaram reprovados em junho.

— Devem realisar-se no proximo mez de novembro, em todos os corpos do exercito, os exames da classe de sargentos. Em dezembro começará a regencia dos novos cursos. Brevemente serão nomeados os oficiaes que devem compôr os juris dos exames.

— Foi julgado incapaz do serviço o sr. Diogo Sequeira Costa, escrivão da recebedoria dos direitos eventuaes no Porto.

— Reuniu ante-ontem, no quartel de lanceiros, sob a presidencia do sr. infante D. Augusto, a comissão de aperfeiçoamento da arma de cavalaria. A comissão compõe-se, além do presidente, dos srs. Alves de Souza e Rodrigues da Silva, comandantes dos regimentos de cavalaria n.os 2 e 4; Hugo de Lacerda, chefe do estado-maior da inspéção geral; Eugenio Alves e Honorato de Mendonça, majores dos referidos regimentos; e dos capitães de cavalaria, chefes das duas séções da inspéção geral da arma de cavalaria, Eduardo Calado e Alfredo de Albuquerque, que exercem as funções de secretarios. A comissão trata especialmente de equipamento e bivaques, devendo apresentar brevemente ao sr. ministro da guerra um desenvolvido relatorio dos seus trabalhos.

Y.

PUBLICAÇÕES LITERARIAS

ALMANACH
DAS
SENHORAS
PARA 1887
PORTUGAL E BRAZIL

Publicado sob a protecção de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia—Illustrado com o retrato e biographia de Eduardo Garrido.—17.º anno.

Por D. GUIOMAR TORREZÃO

Um volume de 340 paginas, nitidamente impresso na acreditada typographia Lallemant, collaborado pelos principaes escriptores de Portugal, Brazil, França, etc.; amphado de differentes tabellas, artigos de vulgarisação scientifica e reconhecida utilidade, anecdotas humoristicas, problemas, charadas, enygmas e logogriphos premiados, e uma desenvolvida serie de annuncios dos principaes estabelecimentos, inaugurando este anno duas novas secções de incontestavel importancia: *Atravez a sciencia* e *Csenhlos uteis*.

Contém mais o almanach as seguintes gravuras, entre as quaes, ha algumas de grande formato: Princeza D. Amelia—Principe D. Carlos—Princeza Beatriz de Inglaterra—Principe de Battenberg—Lopes de Mendonça—João Rosa—Actor Santos—Amelia Vieira Anna Judic—Actor Alvaro—Cotogni—Fidès-Devriés—Camara (Doutor)—José Ribeiro da Cunha—Thomaz Ribeiro—Thomaz de Carvalho (Doutor)—Visconde de Daupias—Senna Freitas (padre)—Concepcion de Flaquer—Beethoven—George Sand—Guilherme de Azevedo—Raphael Bordallo Pinheiro—D. Bertha Ramalho Ortigão—Frantz Liszt—D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro—Silva Porto—Sousa Pinto—Vasco da Gama—Lavoisjer—D. Helena Gomes—Henrique Barth—Columbano Bordallo Pinheiro—Bryham Yung e muitas outras gravuras.

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto, e nas ilhas, provincias, possessões ultramarinas, etc.

Em Aveiro—David da Silva Mello Guimarães.

PREÇO: brochado, 240 réis; cartonado 320 réis.

Deposito principal do Almanach, livraria Tavares Cardoso & Irmão, largo do Camões (vulgo Rocio) 5 e 6, onde faz abatimento para revender.

Redacção, onde ha collecções do mesmo Almanach, rua de S. Bento, 218.—LISBOA.

NOVISSIMA LEGISLAÇÃO

CODIGO ADMINISTRATIVO, approvado por decreto com força de lei de 17 de julho de 1886, copiado fielmente da edição official, revisto com todo o escrupulo, e impresso em bom papel.—Preço 200 reis. Pelo correio, 220 reis.

APOSENTAÇÕES DOS EMPREGADOS CIVIS e reforma dos empregados e operarios são comprehendidos no decreto ácerca das aposentações dos empregados civis. Decreto de 17 de julho de 1886.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis.

ORGANISAÇÃO DO SERVIÇO DE FAZENDA nos districtos e concelhos do reino. Approvada por decreto de 23 de julho de 1886.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis,

ORGANISAÇÃO DOS SERVIÇOS TECHNICOS DE OBRAS PUBLICAS. Decreto de 24 de julho de 1886.—Preço 60 reis. Pelo correio, 70 reis.

REFORMA DA INSTRUCÇÃO SECUNDARIA. Approvada por decreto de 29 de julho de 1886.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis.

REFORMA DA ORGANISAÇÃO JUDICIARIA. Approvada por decreto de 29 de julho de 1886 e regulamento para a execução do referido decreto.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis.

ORGANISAÇÃO DO SERVIÇO EXTERNO DOS CORREIOS, TELEGRAPHOS E PHAROES. Approvado por decreto de 29 de julho de 1886.—Preço 100 reis. Pelo correio, 110 reis.

LEI ELEITORAL de 21 de maio de 1884.—Preço 100 reis. Pelo correio, 110 reis.

A' venda na Livraria Gutenberg de Antonio José da Silva Teixeira, rua da Cancella Velha, 64 a 68—PORTO.

BIBLIOTECA SECRETA
LEITURA SÓ PARA HOMENS
ROMANCE DE UMA ALCOVA
Aventuras galantes
d'uma mulher mundana

Já começou a publicação d'este excelente romance, cada semana publicam-se 4 folhas, o preço é de 10 reis cada folha, gravuras gratis.

Todos os assignantes e correspondentes teem um brinde mensal do valor provavel de 7:000$ ou do valor realisavel de 4$500 reis.

Nas terras onde não ha correspondentes, a assignatura será mensal paga adiantadamente, o assignante deverá remeter a quantia de 200 reis de 20 folhas, ao gerente da empreza, Lisboa—20, Rua dos Douradores 20.

ANUNCIOS

PREVENÇÃO

238 POR determinação da camara d'esta cidade fica adiada para domingo futuro, 17 do corrente, o aforamento em praça publica para edificações, dos terrenos do Rocio.

DIREÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS
DO
DISTRITO D'AVEIRO

Estrada real n.º 42 de Vizeu ao Porto
Lanço do Moradal a Santa Cruz

ARREMATAÇÃO

231 PELA Direção das obras publicas do distrito d'Aveiro se faz publico que no dia 16 d'outubro, pelas 11 horas, serão recebidas perante a administração d'este concelho, propostas em carta fechada para a execução de terraplenagens e fornecimentos de alvenaria, cantaria, cal, saibro e lagedo necessarios para ser realisado parte do referido lanço entre os perfis 0 e 97, na extensão de 1:801m,76.

BASES DE LICITAÇÃO

Terraplenagens completas..	1:600:000
Fornecimento de 120m. c.,0 d'alvenaria.....	60:000
Idem de 3m. c.,0 de cantaria em desbaste.....	14:400
Idem de 20m. c.,0 de lagedo.	72:000
Idem de 8m. c.,0 de cal viva.	48:000

São prevenidos os interessados de que ninguem será admitido ao concurso sem que previamente prove por documento autentico ter feito na Caixa Geral dos depositos, ou em qualquer das suas delegações, um deposito provisorio de tres por cento sobre a base de licitação. Esse deposito será de cinco por cento para a adjudicação.

Todas as condições e mais esclarecimentos sobre este concurso estão desde já patentes n'esta secretaria todos os dias não santificados.

Aveiro e secretaria da Direção das obras publicas, 30 de setembro de 1886.

O engenheiro diretor
Antonio Ferreira d'Araujo e Silva.

CORPO DA GUARDA FISCAL

BATALHÃO N.º 2

DISTRITO D'AVEIRO

237 FAZ-SE publico que por ordem superior vão ser vendidas por arrematação as barracas de madeira aonde se fazia a cobrança do extinto imposto do sal n'este distrito, as quaes se acham situadas, uma na Boca do rio Vouga (Espinheiro), outra em S. Roque e a outra junto á ponte de S. Gonçalo.

A primeira será arrematada no dia 16 do corrente pelas 10 horas da manhã no proprio local, e as segundas no dia 17 á mesma hora e no local onde se acham situadas.

No áto da arrematação estarão patentes as condições e são as mesmas já anunciadas no *Campeão das Provincias* n.º 3:517, de 25 d'agosto ultimo.

Distrito fiscal d'Aveiro 8 de outubro de 1886.

O chefe interino do distrito,
Antonio Maria Alves da Roza.

VENDE-SE

236 OU aluga-se a casa do falecido Filipe Luiz Bernardes, na rua Direita, com os n.os 100 a 110. A tratar com a viuva.

REGIMENTO DE CAVALARIA N.º 10

235 O CONSELHO administrativo do dito regimento faz publico que por ordem do ministerio da guerra, communicada em oficio da inspéção geral de cavalaria n.º 858, de 6 do corrente, foi autorisado a proceder á compra de dez cavalos para o serviço de fileira.

O conselho acha-se reunido todos os dias no quartel do regimento, desde as 11 horas da manhã até á 1 da tarde, aonde inspéciona os cavalos apresentados, os quaes serão comprados sob as seguintes condições:

1.ª Ter boa conformação exterior, temperamento sadio e a mais completa isenção de quaesquer achaques ou defeitos, que os possam inhibir para o serviço.

2.ª Ter altura minima de 1m,480 mil.

3.ª Idade de 3, 5 a 6 anos.

4.ª O preço não deverá exceder a 145$000 réis.

5.ª Que as molestias e vicios redibitorios reputados taes e que dão lugar á ação por parte do governo são:

Ophtalmia intermitente, tisica pulmonar, imobilidade, pulmoeira, assobio crónico das respirações, birra sem deterioração dos dentes, hernias inguinaes intermitentes, epilepsia, mormo, laparões.

O praso para o governo intentar ação redhibitoria contra os vendedores principia a contar-se no dia seguinte ao da entrega dos cavalos ao conselho, e é de 30 dias para os casos de ophtalmia intermitente e epilepsia, e de 9 dias para os outros casos.

Quartel em Aveiro, 7 de outubro de 1886.

O secretario do conselho,
Antonio Antunes,
alferes.

CONCURSO

234 NOS termos dos artigos 2.º e 3.º do decreto de 24 de dezembro de 1874, está aberto concurso, por espaço de 20 dias, que hão de findar no dia 27 do corrente, para provimento de um logar de escriturario de fazenda do concelho d'Anadia.

Até ás 3 horas da tarde do mencionado dia deverão os concorrentes ao referido logar apresentar n'esta repartição de fazenda os seus requerimentos, acompanhados dos documentos em que próvem ter pelo menos as seguintes habilitações: 1.º—18 anos de idade; 2.º—Bom comportamento moral e civil:—3.º Exame de instrução primaria como habilitação para os liceus nacionaes.

Os candidatos que, pela sua idade, estiverem sujeitos ás leis do recrutamento, devem apresentar documento com que próvem haver satisfeito ao determinado nas mesmas leis.

Repartição de fazenda do distrito de Aveiro, 7 de outubro de 1886.

Pelo delegado do thesouro,
O oficial,
José Ferreira Corrêa de Souza.

DOENÇAS DO
ESTOMAGO
PASTILHAS e PÓS
PATERSON
(Bismuth e Magnesia)
Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.
PASTILHAS: 500 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.
Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.
Adh DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, qoando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao *toast*, para facilitar completamente a digestão

Para evitar a contrafacção, os envolucro, das garrafas devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da le de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Droga ria Medicinal de Ribeiro Junior.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

7

NUMERO TELEPHONICO 168

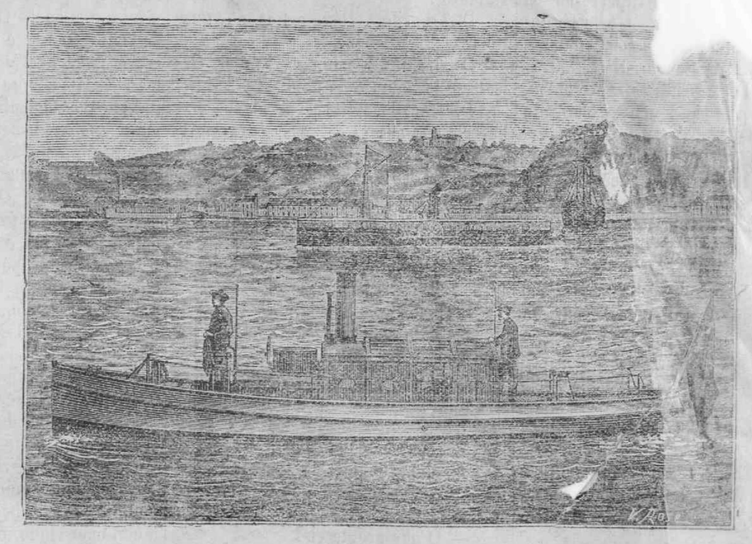
CONSTRUCÇÕES NAVIAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

FUNDIÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor; construida em 1883, nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metallicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação e adjudicação, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaes que obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Aceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo.** etc.

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro, Lisboa.

21 **ASPHALTO**

MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

22

MOLESTIAS SECRETAS
CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten com copahiba, approvadas pela Academia de Medicina de Paris.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas só ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas.

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura de Raquin* e o sello official (em azul) do *governo francez*.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, *Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do estrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, salicylato, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN**, o complemento de todo o tratamento

POS DENTIFRICOS DE MOURA

131 ESTES pós limpam os dentes sem prejudicar o seu esmalte, dando-lhes um brilho e alvura admiraveis; fortificam as gengivas, tiram o mau halito e previnem cariе de resultados tão funestos quanto dolorosos. Caixa 200 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

BALSAMO ODONTALGICO DE MOURA

130 COM o uso d'este balsamo cessam instantaneamente as dores de dentes por mais violentas que sejam. Frasco 200 reis

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

CONTRA A DEBILIDADE

RECOMENDAMOS o Vinho Nutritivo de Carne, e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Droga ria Medicinal de Ribeiro Junior. 30

PILULAS PEITORAES DE

132 ESTE medicamento, de um... ção vegetal e debaixo de... pilulas, o que facilita muitissimo a... nistração, e de uma incontestavel e... bronchites tanto agudas como chroni... xos, tosses, rebeldes, tosse convulsa e a... tica, dôres de peito, escarros de sangue, etc. Acompanham esta especialidade ... testados que justificam os seus e... 500 reis. Deposito no Porto, Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

Previne-se o publico, para não ser illudido, que são falsificadas as pilulas em caixas cuja rasnho fôr o nome Felix & Filho.

137

ASTHMA E CATARRHO
Curados com os **CIGARROS ESPIC** Em França 2 fr. a CAIXA
Opressões, Tosses, Constipações, Nevralgias
Em todas as Pharmacias de Portugal e do Brazil.—Paris, Venda por grosso, J. ESPIC, Rue St-Lazare, 20. *Exigir esta assignatura sobre cada Cigarro.*

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excelentes e ainda não igualadas maquinas de coser de LANÇADEIRA OSCILANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.

Não precisa encher canhila nem enfiar a *lançadeira*.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem igual.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu maquinismo é ajustavel e com o uso e os anos está a maquina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapeleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende diretamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINGER

Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 maquinas! devido isto á sua grande aceitação, suplantando assim todos os outros sistemas modernos, que jámais poderão competir com a maquina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

NOVO DEPOSITO
DE
MACHINAS DE COSTURA
CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES
Rua Direita—Aveiro

Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pelo sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

...as soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.